

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

# DA HERMENÊUTICA À PSICANÁLISE

Carlos Augusto Monguilhott Remor

FLORIANÓPOLIS

MAIO/2002

# DA HERMENÊUTICA À PSICANÁLISE

CARLOS AUGUSTO MONGUILHOTT REMOR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina perante a banca, para obtenção do título de doutor em Engenharia de Produção.

---

Prof. Ricardo Miranda Barcia Ph.D.  
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

---

Francisco A. Pereira Fialho - Dr. Ing.  
Orientador

---

Dra. Elaine Ferreira

---

Dra. Maria Inês Rocha

---

Dr. Sérgio Scotti

---

Dr. Roberto Harari



À memória de meu pai,  
pelo que representa em todo o meu percurso.

### *Agradecimentos*

À minha esposa, Lourdes, que soube sustentar as bases familiares que me permitiram chegar até aqui.

Aos meus filhos, Alexandre e Beatriz, que dão sentido à minha vida.

Ao professor Fialho, que soube ser mais do que orientador.

Ao psicanalista e grande amigo Dr. Roberto Harari, a quem eu devo por ter conseguido chegar até aqui.

# SUMÁRIO

RESUMO	3
ABSTRACT	4
INTRODUÇÃO	5
OBJETIVOS	9
JUSTIFICATIVA	11
METODOLOGIA	14
FREUD E LACAN	20
INTERPRETAÇÃO	35
Hermenêutica e Leitura	37
Hermenêutica e Ciências Humanas	38
A Hermenêutica como Situação Humana	39
INTERPRETAÇÃO NA PSICANÁLISE	44
Psicanálise	45
Os Sonhos e a Interpretação	55
A Metáfora	62
A Metonímia	65
Os Chistes e a Interpretação	67
A Construção	70
A Interpretação Histórica	73
A Direção da Cura	76
O Ato Analítico	78
O Silêncio	80
Forçage	82
CONCLUSÃO	90
BIBLIOGRAFIA	98
Bibliografia Geral	98
Bibliografia de Referência	102

REMOR, Carlos Augusto Monguilhott. *Da hermenêutica à psicanálise*. Florianópolis: UFSC, 2002. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção, 17/05/2002.

Orientador: Dr. Francisco Antônio Pereira Fialho.

*Pesquisa sobre a trajetória da [interpretação] desde seus pilares na hermenêutica. Trajeto que teve, como conceito, na psicanálise, até seu distanciamento da busca de sentidos e tentativa de algum alcance do real lacaniano, através da intervenção chamada por Lacan de “forçage”.*

## RESUMO

O presente trabalho é constituído por uma pesquisa sobre a trajetória da interpretação desde seus pilares na hermenêutica. É dado destaque ao trajeto que ela teve, como conceito da psicanálise, que iniciou com a busca de sentidos, até sua atual tentativa de algum alcance do real lacaniano, através da intervenção introduzida por Lacan, chamada de “forçage”.



## ABSTRACT

The present thesis is constituted by a research on the path of the interpretation since its pillars in the hermeneutic. Prominence is given to the itinerary that interpretation had, as concept of the psychoanalysis, passing by the search of senses, its first target, towards its present try to reach somehow the Lacan's real, through the intervention introduced by Lacan, so called "forçage".

# INTRODUÇÃO

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: "Navegar é preciso; viver não é preciso." Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.*

Fernando Pessoa

Este trabalho é resultado da pesquisa do tema interpretação. Este é um tema muito amplo e que envolve quase todos os campos do conhecimento humano. Contudo, se seu percurso na história da civilização é longo, para delimitar o assunto, a ênfase aqui recairá sobre a interpretação circunscrita à psicanálise e ao seu percurso, desde Freud, até os últimos seminários de Lacan. Além disso, pretende-se concluir com considerações sobre o que Lacan agrega, como nova proposta de intervenção na clínica psicanalítica, – o que ultrapassa a interpretação – chamada de *forçage*, termo ainda sem tradução.

Como metodologia, a interpretação é aplicável a áreas tão diversas como história, religião, arte, psicologia, estudos da linguagem, psicanálise, entre outros. Seu longo trajeto na cultura, remonta pois, que se sabe, desde os esforços dos gregos em compreender seus poetas, até a exegese das sagradas escrituras que exigem interpretações mais sistemáticas, dado seu caráter eminentemente figurado, passando pelas interpretações de sonhos na Antigüidade, como a

conhecida interpretação do sonho do Faraó, que nos legou o ditado das “vacas gordas e vacas magras”, designando tempos de fartura e tempos de escassez e chegando até nossos dias em seus múltiplos sentidos e áreas, como na própria psicanálise e na hermenêutica.

Podemos pensar hoje, que a interpretação, em seu sentido amplo, é utilizada em todos os campos de conhecimento humano, posto que faz parte integrante da linguagem. É comum, na linguagem coloquial, as divergências serem expressas por frases semelhantes à afirmação de que se trata de uma “questão de interpretação”. Não parece que ela possa realmente estar ausente da experiência vivida, pois só há alguma compreensão quando ela é contextualizada, ou seja, quando dela caia um texto, o qual já implica em alguma leitura, portanto, alguma interpretação.

Para ler, há que se partir do reconhecimento de alguma falta, reconhecer em algum grau a ignorância; isso propulsiona a leitura / escritura. Fazendo uma analogia com um certo sentido do termo leitura, podemos dizer que ela reflete ao leitor sua própria castração simbolizada, diante da totalidade imaginada. A totalidade que nos é oferecida pela nossa própria imagem no espelho. Imagem inteira e contínua, de algo descontínuo e fragmentário. A escrita é, então, a quebra do espelho imaginário do eu, uma ferida narcísica. Há um horror frente à castração, objetivada pelo próprio texto, pelas suas falhas, pelas discontinuidades. O texto, então, me escreve e me inscreve na falta. Esse esfacelamento transcrito não pode ser ingenuamente considerado como pertencente ao texto; o autor está no texto, e este, enquanto me constitui, é meu próprio esfacelamento. A desconstrução da personalidade corresponde à quebra do eu, veiculada pela leitura/escritura. Esse desafio da leitura-escritura aparece na medida em que nos defrontamos com ela.

Platão falava do saber da falta, referindo a diferença entre aquele que simplesmente não sabe e aquele que sabe que não sabe. Diferentemente do pensamento cartesiano, que coloca o acento no saber, ele mina as certezas próprias daquele que se coloca no lugar do saber, como por exemplo, no seu

diálogo com Mênon,<sup>1</sup> sobre a virtude. Minando as certezas ele dá lugar à polissemia, que por sua vez, requer interpretação.

O horror do reconhecimento do não saber, frente ao texto, permite por outro lado, a procura do saber, produz efeitos, faz movimentos, tira da estagnação, da adaptação, da mesmice, do clichê.

Como processo intelectual, a interpretação, depende da palavra como representante psíquico e, por conseguinte, põe em ação a divisão psíquica freudolacaniana, entre consciente e inconsciente, com todas as suas implicações linguageiras.

A rigor, não há possibilidade de outra linguagem, que não a metafórica. Não apenas no sentido do uso da figura de linguagem, chamada de metáfora propriamente dita, mas na implicação que há do sentido de representação. Se o sujeito nunca pode representar-se a si mesmo, acaba por dizer algo sempre um pouco além ou aquém do que pensava. Nossa ligação com as palavras possibilita que esses representantes sustentem o pensamento, embora com certa imprecisão.

Através da interpretação, o ser falante<sup>2</sup> se relaciona com seu meio, com seu trabalho, com seus fantasmas, com seus sintomas, com suas angústias, enfim, consigo mesmo e com o mundo. Em termos genéricos, podemos situá-la como resultado de um processo intelectual que atua sobre o que foi captado como estímulo e, por conseguinte, nos possibilita atribuir algum sentido às coisas ou, como é usual dizer, alcançar alguma compreensão.

Na psicanálise, este tema teve um caminho longo desde Freud até Lacan e, ainda hoje, é um dos sustentáculos do que se chama de ‘intervenção psicanalítica’. Seus inícios, remontam, de maneira mais sistemática, à *Interpretação dos Sonhos*<sup>3</sup>. Freud comenta que, se foi possível às parapraxias terem um sentido,

---

<sup>1</sup> PLATÃO. *Diálogos: Mênon – Banquete – Fedro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1960. p.63-69.

<sup>2</sup> “Ser falante” é uma tradução da expressão cunhada por Lacan: *parlêtre*, na qual podemos ler as indicações à fala e ao ser.

<sup>3</sup> FREUD, S. *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. “A Interpretação dos Sonhos”. Vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

também o foi, aos sonhos.<sup>4</sup> Momento no qual, expressa a seguinte pergunta retórica: “o que diria a ciência exata, se soubesse que desejamos fazer uma tentativa de descobrir o sentido dos sonhos?”<sup>5</sup>

Posteriormente Freud encontrou, nos chistes, um modelo de interpretação, dado que o *saber não sabido* (inconsciente) de um analisante se encontra estruturado como um chiste, além do que ele conforma a mais social e menos privada das formações do inconsciente, tendo a dialogicidade como natural, diferente do sonho, por exemplo. Sua estruturação tem a forma de um chiste no sentido de que, também como os sonhos, ele cria abreviações e se usa de formações de substitutos, alusões e modificações, de mesma natureza.

Segundo Lacan, o chiste é uma formação do inconsciente, junto com os sonhos, os sintomas neuróticos e os atos-falhos ou parapraxias. Esse motivo sustenta que a interpretação, na psicanálise também tenha a estrutura de um chiste. Obviamente que isso não objetiva provocar o riso, mas sim atingir o sujeito do inconsciente.

---

<sup>4</sup> FREUD, S. “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise”. *Op. Cit.* Vol. XV, Conferência V. p.105.

<sup>5</sup> FREUD, S. “Conferências Introdutórias...”. *Op. Cit.* p.110.

## OBJETIVOS

*"Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei e - por ser um campo virgem - está livre de preconceitos. Tudo o que não sei é a minha parte maior e melhor: é minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que eu não sei é que constitui a minha verdade."*

Clarice Lispector

Em termos gerais, se pretende descrever, analisar e apresentar reflexões, decorrentes do percurso de uma pesquisa desde a interpretação, nos seus andares exegéticos; passando pelos meandros freudianos e lacanianos até a novidade lacaniana chamada de *forçage*.

Em termos mais específicos, inicialmente, pretende-se buscar as peculiaridades referentes ao tema da interpretação nos textos freudianos, partindo da *Interpretação dos Sonhos* de 1900, passando pelo modelo dos chistes, de 1905, as *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* de 1917, até a obra de Lacan, também no que se refere ao tema, principalmente “nos últimos Lacan” dos *Seminários 23: Le Sinthome* e *24: L’insu qui sait de l’une bevue s’aile a mourre*,<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Ambos Seminários ainda inéditos.

nos quais ele começa a questionar, até mesmo, o termo interpretação e propõe a inclusão do termo ‘forçage’ (sem proposta de tradução). Desde aí, Lacan toma outro rumo, e seu modelo de intervenção (ou forçage) deixa de ser apenas a ‘metaforização’ da poesia, ou como ele mesmo afirma, “a metáfora, a metonímia, não têm alcance para a interpretação senão enquanto são capazes de fazer função de outra coisa, para a qual se unem estreitamente o som e o sentido. É enquanto uma interpretação justa extingue um sintoma que a verdade se especifica por ser poética”.<sup>7</sup> Neste caso o termo interpretação já tem o sentido alargado para esta nova proposta. Fica suspensa a questão do porquê e quando Lacan introduz o forçage.

---

<sup>7</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 24. L'insu qui sait de l'une bevue s'aile a mourre*. Classe de 19/04/77. Inédito.

## JUSTIFICATIVA

*Todo este universo é um livro em  
que cada um de nós é uma frase.  
Nenhum de nós, por si mesmo, faz  
mais que um pequeno sentido, ou  
uma parte de sentido; só no  
conjunto do que se diz se percebe o  
que cada um verdadeiramente quer  
dizer.*

Fernando Pessoa

As articulações entre a linguagem e o inconsciente são pertinentes, aqui, na medida em que se trata de interpretação e, uma interpretação integra a possibilidade de uma leitura e uma compreensão. Já que a interpretação e a compreensão dependem do texto, e este do relato, reportamo-nos a Roland Barthes, citando que o relato pode ser suportado pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto e pela combinação ordenada de todas estas coisas; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, no quadro pintado, no vitral, no cinema, no cômico, nas notícias policiais e na conversação<sup>8</sup>. É pois, dependente da interpretação, também o ato, como efeito

---

<sup>8</sup> BARTHES, R. et al. *Análisis estructural del relato*. Puebla: Premiá, 1988.



conseqüente, que constitui a possibilidade de uma produção.

Com respeito à linguagem mesma, sabemos o que a psicanálise, desde Freud, caracterizou como o modo de processamento do inconsciente, pelo chamado processo primário, com suas duas ações: a condensação e o deslocamento.<sup>9</sup> Esta teoria, teve em Lacan um avanço no recurso à linguagem, ligando a condensação com a metáfora e o deslocamento com a metonímia, de forma a poder dizer que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”,<sup>10</sup> e, mais ainda, que “é a soma dos efeitos da fala sobre o sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”.<sup>11</sup>

Nessa articulação entre o campo da linguagem e da psicanálise se insere este trabalho, iniciando pelo termo interpretação (exegese, hermenêutica), até seu surgimento na psicanálise e seu posterior desenvolvimento como conceito, por excelência, da intervenção psicanalítica. Finalmente, sua diferenciação de um conceito novo, surge com a proposta Lacaniana de *forçage*, desde um outro ponto, como aparece no final do ensino de Lacan, a partir do seu seminário 22, *R.S.I.*<sup>12</sup>

As considerações e referências a este conceito ainda são muito raras, essa teorização na qual Lacan desliga-se do inconsciente representacional, por via da introdução da topologia, mais especificamente, do Real, constitui-se num campo ainda quase virgem, mesmo entre os analistas. Lacan já falava sobre a interpretação, desde a consideração do Real, portanto muito próxima do *forçage*, mesmo dirigindo-se aos estudantes, que “a interpretação deve sempre ter em conta que nisso que está dito existe o sonoro e esse sonoro deve consoar com o que é do inconsciente”.<sup>13</sup>

No percurso de Freud, a questão simbólica é o sustentáculo, podemos dizer que, até aí, há uma prevalência do simbólico e, portanto, do trabalho com o significado e sentido. Não obstante, é bem clara a tentativa de Freud, por exemplo,

---

<sup>9</sup> FREUD, S. “A interpretação dos sonhos”. Vol. IV. *Op.Cit.* p.272-276.

<sup>10</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 11. Op. Cit.* p.25.

<sup>11</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 11. Op. Cit.* p.122.

<sup>12</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 22. R. S. I.* Inédito.

<sup>13</sup> LACAN, J. *Conferencia en la Universidad de Columbia.* Estados Unidos. 01/12/1975. Inédita.

de ultrapassar este registro, no uso do chiste ‘familiarmente’ de Heine, ao iniciar sua obra sobre este tema.<sup>14</sup> Ali ele esboça a idéia desta forma particular de expressão. Igualmente, ao versar sobre os chistes absurdos e de *nonsense*.

A leitura que Lacan faz de Freud, acrescenta esse passo, iniciado por Freud, mas não sistematizado, talvez por falta do conceito de Real lacaniano.

O simbólico pode engordar o sintoma com sentidos, e é destes sentidos, sempre presentes, que uma análise pretende livrar o analisante. Por meio do simbólico e através dele que Lacan dá mais um passo; acrescenta o Real e o conseqüente sem-sentido, cujo uso na prática clínica dá lugar ao *forçage*.

Podemos, então, referir que a relevância de uma pesquisa sobre interpretação — essa ferramenta fundamental da psicanálise, mas também, em seu sentido coloquial, de uso múltiplo na cultura — tem em vista uma sistematização e sua articulação com o avanço lacaniano da psicanálise freudiana (que não exclui a interpretação): a intervenção chamada *forçage*, fala por si mesma.

---

<sup>14</sup> FREUD, S. “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. Vol. VIII. *Op.Cit.* p.29-34.

## METODOLOGIA

*Com Interpretação dos Sonhos, foi re-introduzido algo de essência diferente, de densidade psicológica concreta, a saber o sentido.*

Lacan

Quanto ao método, quando se trata de pesquisa na psicanálise, temos de considerar alguns pontos. Para descrevermos o método, precisamos descrever a própria psicanálise, o que faremos adiante, no capítulo intitulado interpretação na psicanálise, item 'psicanálise'. Contudo, ainda assim podemos, aqui, discutir alguns pontos interessantes, com relação ao campo da pesquisa em bases psicanalíticas perante o método científico.

Começando pelo lugar do sujeito, a partir de Descartes, que funda uma nova visão de ciência em sua época, com seu famoso aforismo: *Penso, logo existo*, tenta definir a existência do humano pelo pensamento, essa forma de elaborar 'idéias' no nível da consciência. Dessa concepção é que Lacan afasta-se, ao introduzir como crítica, que o aforismo em questão não quer dizer nada se não é verdade, e, é verdade porque: 'logo sou' é o que penso antes de sabê-lo, querendo ou não.<sup>15</sup> É porque é a mesma coisa, esse 'eu penso', pois o que penso é 'logo

---

<sup>15</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 19. ...Ou pire*. Classe 6, de 18/03/19 72. Inédito.

existir'; o que não é equivalente. Desse modo, Lacan propõe uma mudança na frase descartiana: "Penso onde não existo e existo onde não penso", na medida em que o pensar não vai muito além do que se poderia chamar de resistência. Resistência a quê? – ao inconsciente, ou melhor, ao desejo inconsciente.

Talvez, à guisa de esclarecimento, outra argumentação lacaniana nesse sentido aponta que o 'eu penso' tomado nessa forma não é mais sustentável do que o 'eu minto'. Esse 'eu minto, ao dizê-lo, se expressa a verdade e, assim, eu não minto. Contudo, minto, dado que dizendo 'eu minto' afirmo o contrário.<sup>16</sup>

A descontinuidade é a forma essencial com que nos aparece o inconsciente como fenômeno, descontinuidade na qual algo se manifesta como vacilação.<sup>17</sup> O inconsciente (*Unbewusste* em alemão) freudiano, segundo a fórmula lacaniana de 'intraduzir', transpondo pela fonia, de uma língua para a outra, faz brotar uma forma desconhecida do *um*, o *Un* (que designa negação) do *Unbewusste*, cujo limite é o *Unbegriff* (*begriff* conceito) – mais do que o não-conceito, assim, o inconsciente é apresentado como o conceito da falta.<sup>18</sup>

Freud, quando começou a remoer este mundo do inconsciente, articulou o verso, de Virgílio cheio de inquietações: – *Flectere si nequeo superos acheronta movebo*. (Se não posso dobrar os poderes Supremos, moverei as regiões infernais. Ou, se não puder dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte [Virgílio, Eneida, Livro II, 312]. O Aqueronte é um dos rios do Inferno, segundo a mitologia). Freud também comenta que o sentido de *Acheronta movebo* é agitar o submundo, ou seja, o desejo rejeitado pelas instâncias psíquicas superiores agita o submundo psíquico (o inconsciente) para se fazer escutar.

Já, para Lacan, "o inconsciente é um momento onde fala, no lugar do sujeito da pura linguagem, uma frase cuja questão é saber quem a disse".<sup>19</sup> Seu estatuto, continua, pode-se dizer científico, posto que se origina da ciência, mas esse mesmo sujeito é rechaçado do simbólico e retorna do real, presentificando o

---

<sup>16</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 9. A identificação*. Clase Del 15 de noviembre de 1961. Inédito.

<sup>17</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 11. Op. Cit.* p.30.

<sup>18</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 11. Op. Cit.* p.30.

que se passa na história da ciência, presentificando seu único suporte, a linguagem. É o sentido da aparição da ciência da nova lingüística.<sup>20</sup>

O estatuto científico, teórico e de pesquisa em psicanálise sempre foi um tanto ambíguo, principalmente se considerarmos a concepção neo-positivista e empirista, que ainda é o modelo epistemológico da psicologia no mundo. E, mesmo que ninguém seja dono dos órgãos de fomento na área da pesquisa em psicologia, sabemos que a psicanálise fica na condição de filha bastarda.<sup>21</sup> O modelo de cientificidade como modalidade de saber que precisa ser *verificado* só pode ser o saber referencial, a cientificidade positivista, modelo no qual a psicanálise não cabe. Mesmo que se possa pensar que a questão da rememoração possa ter tido um sentido epistemológico, com valor de verificação, para o analista alcançar a segurança de que não delira, de que fala de coisas correspondentes a um certo real empírico, isso só pode ser considerado como subproduto.

Lacan também comenta o início ‘científico’ da psicanálise, reconhece que ela tenha nascido da ciência, que é inconcebível que possa ter surgido de outro campo.<sup>22</sup> Agora, isso foi o começo, ela separou-se do cientificismo, a ponto dele afirmar, em 1970, que “a ciência é uma ideologia da supressão do sujeito”.<sup>23</sup>

O campo da empiria freudiana é o campo da experiência transferencial, comenta Joel Birman, se é que é empírico no sentido dos positivistas. Esse é o campo da pesquisa psicanalítica.<sup>24</sup> Os conceitos psicanalíticos estão situados no campo da transferência, sem o que não podemos falar de pesquisa. É a transferência, enquanto conceito fundamental, que delimitando o campo da pesquisa psicanalítica, mostra a dificuldade da realização de uma psicanálise aplicada. Mesmo sendo a clínica o lugar da pesquisa, fundada na transferência, isso não é nenhum impedimento para a interlocução com outros campos de saber.

No Brasil, é recente a tentativa de criação de condições de trocas e

---

<sup>19</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 14. La lógica del fantasma*. Clase 14, del 12/04/1967. Inédito.

<sup>20</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 14. La lógica del fantasma*. Clase 14, del 12/04/1967. Inédito.

<sup>21</sup> BIRMAN, J. “A clínica na pesquisa psicanalítica”. In: *Psicanálise e universidad*. Atas do 2º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise. PUC-SP, 1992.

<sup>22</sup> LACAN, J. “Del sujeto por fin cuestionado”. In.: *Escritos I*. Argentina: Siglo Veintiuno, 1988. p.221.

<sup>23</sup> LACAN, J. “Radiofonía”. In: CD-ROM Lacan2000. RD-Ediciones electrónicas. Buenos Aires, 1999.

<sup>24</sup> BIRMAN, J. “A clínica na pesquisa psicanalítica”. In: *Op. Cit.* p.20.

interlocução entre pesquisadores, professores e clínicos. Estes últimos, mais ativos através de instituições psicanalíticas que, engajadas em movimentos internacionais como a “Reunião lacanoamericana de psicanálise” e “Convergência, movimento lacaniano para a psicanálise freudiana”, conseguem mais numerosas, freqüentes e fecundas interlocuções fora do jugo da tradição epistemológica da psicologia.

As questões neste ponto, dizem respeito aos critérios que podemos depreender do campo psicanalítico em pesquisa. Por conseguinte, temos as perguntas relativas ao estatuto da clínica, da experiência e da teoria psicanalíticas.

Uma das reivindicações da psicanálise, diz Freud, é que pesquisa e tratamento coincidem.<sup>25</sup> Ou seja, não é possível conceber a pesquisa, sem ao mesmo tempo, ter como pressuposto a clínica psicanalítica. Ademais, mesmo que a psicanálise possa colocar problemas de teorização para outros campos de saber, é necessário, por outro lado, uma teorização, por assim dizer, interna ao campo psicanalítico.

Segundo Birman, clínica e experiência psicanalítica fundariam a possibilidade de teorização em psicanálise e, a teorização seria uma forma de falar dessa experiência, de poder criar espaços de interlocução entre analistas.<sup>26</sup>

Estas colocações acabam por forçar uma reflexão sobre a chamada formação, ou melhor transmissão psicanalítica. Para isso, tomemos a “história do movimento psicanalítico”,<sup>27</sup> na qual Freud nos fala da transmissão. Afirma que a psicanálise não é idéia dele, mas sim de três eminentes médicos de Viena, que o precederam, quais foram, Breuer, Charcot e Chrobak. Esses três homens tinham transmitido um conhecimento que, rigorosamente falando, eles próprios não possuíam. Tanto que dois deles o negaram posteriormente. Contudo, três opiniões idênticas ficaram, na mente de Freud, adormecidas durante anos, até um dia, em que despertaram sob a forma de uma descoberta original.

As três idéias que foram comunicadas a Freud, quando médico ainda

---

<sup>25</sup> FREUD, S. “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”. Vol. 12. *Op. Cit.* p.152.

<sup>26</sup> BIRMAN, J. “A clínica na pesquisa psicanalítica”. In: *Op. Cit.* p.9/10.

<sup>27</sup> FREUD, S. “História do movimento psicanalítico”. Vol. 14. *Op. Cit.* p.16-82.

jovem, foram: primeiro, ao passear com Breuer pela cidade, se aproxima um homem que desejava falar-lhe. Logo que Breuer fica livre, conta que o homem era marido de uma paciente sua e que lhe trouxera algumas notícias. A esposa tinha comportamentos tão incomuns que lhe fora levada para tratamento. Concluiu Breuer: “Estas coisas são sempre *secrets d’alcôve!*” Freud pergunta o que queria dizer, mas ele responde explicando o termo *alcôve*, não se dando conta do caráter extraordinário de sua declaração.

A segunda, anos depois, na casa de Charcot. Freud estava de pé por perto, quando ele contava a outro médico, Brouardel, uma história: um jovem casal do Oriente — a mulher, um caso de doença grave, o homem impotente. *Tâchez donc*, disse Charcot repetindo, *jê vous assure, vous y arriverez*. Brouardel, deve ter-se espantado, pois Charcot irrompeu com grande animação: *Mais, dans des cas pareils, c’est toujours la chose génitale, toujours... toujours... toujours*. Freud diz-se quase paralisado e com a questão: se ele sabe disso, por que nunca diz?

Por fim, um ano depois, Chrobak pediu a Freud que visse uma paciente sua. Na casa da cliente, verifica que ela sofria de acessos de ansiedade sem sentido, e só conseguia se acalmar com informações precisas de onde se encontrava o seu médico a cada momento do dia. Quando Chrobak chegou, levou-o a um canto e disse que a ansiedade era devida ao fato de que, embora estivesse casada há dezoito anos, ainda era virgem. O marido era absolutamente impotente. Nesses casos, disse ele, o médico nada podia fazer. A única receita para essa doença é bastante familiar, mas não se pode prescrevê-la. É a seguinte: *R. Penis normalis dosim repetatur!*<sup>28</sup>

Desse modo, a transmissão em psicanálise passa pela forma menos usual dos ensinamentos, se trata de um aprendizado transmitido daquele que ‘não sabe’ para outro que também não sabe.<sup>29</sup> É por este motivo que se diz que a psicanálise se transmite no divã. Não é uma forma do usual conceito ensino/aprendizagem do

---

<sup>28</sup> FREUD, S. “História do movimento psicanalítico”. Vol. 14. *Op. Cit.* p.23/24.

<sup>29</sup> MONTERO, J. C. “Transmissão em psicanálise”. Trabalho apresentado na Jornada de Abertura do Curso de Especialização em Psicanálise da Faculdade Estácio de Sá. Florianópolis (SC). 20/10/2001. Inédito.

saber referencial.

Esta pesquisa, devido a peculiaridade do tema que aborda questões subjetivas, utilizando investigação interpretativa, se enquadra, de acordo com os cânones acadêmicos, como de ordem qualitativa, conforme os ensinamentos de Freud e Lacan, corroborados hoje, pela academia nos direcionamentos dos autores: Foucault,<sup>30</sup> Hilton Japiassu,<sup>31</sup> Rubem Alves,<sup>32</sup> Edgar Morin.<sup>33</sup>

Retornamos ao ponto no qual Freud iniciara, o de que os conceitos de uma ciência nova não podem ser claros nem definitivos. Mais ainda, que em psicanálise, dada a sua peculiar característica a respeito do saber textual, mais do que o referencial, dos outros campos, não se funda com rigor sobre um conceito. Isso a faz diferir da teoria especulativa, da filosofia. Como interpretação da empiria,<sup>34</sup> se contentará com concepções fundamentais mais ou menos nebulosas, quase inapreensíveis e até eventualmente substituíveis. Esse aspecto do inapreensível é ponto nodal aqui, posto que o conceito de real lacaniano, mostra exatamente isso: o impossível, segundo ele “o que não cessa de não se inscrever”, é que o simbólico é insuficiente para cobrir o campo do real.

Além dessa impossibilidade, o tema da interpretação, já que se trata de um conceito fundamental da psicanálise, envolve todos os outros temas psicanalíticos, liga diretamente a toda a psicanálise, contudo não se tem, aqui, nenhuma pretensão enciclopédica.

---

<sup>30</sup> FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

<sup>31</sup> JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

<sup>32</sup> ALVES, R. *Filosofia da ciência*. São Paulo: Loyola, 2000.

<sup>33</sup> MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

<sup>34</sup> BIRMAN, J. “A clínica na pesquisa psicanalítica”. In: *Op. Cit.* p.12.



## FREUD e LACAN

*Se não posso dobrar os deuses  
supremos moverei as regiões  
infernais.*

Freud

Em 1886, o Dr. Sigmund Freud, médico, então docente de neuropatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, retorna de seus estudos no *Hospice de la Salpêtrière*, em Paris, onde estudou com J.-M. Charcot. Diz, ele mesmo, que a escola francesa de neuropatologia, parecia prometer algo diferente, além de ingressar em áreas da neuropatologia ainda não abordadas pelos cientistas da Alemanha e da Áustria. Os resultados das descobertas da escola francesa, sobre hipnotismo e sobre histeria, não foram bem recebidos e os pesquisadores franceses, sobretudo Charcot, foram acusados de terem uma reduzida capacidade crítica e de dramatizarem seu trabalho com esse material.<sup>35</sup>

Sua caminhada na pesquisa pela compreensão das afecções mentais (como ele chamava) foi longa e penosa. Teve grandes períodos de dificuldades financeiras, até o ponto de não poder tomar um coche de aluguel para atender

---

<sup>35</sup> FREUD, S. “Relatórios sobre meus estudos em Paris e Berlim”. Vol. I. *Op.Cit.* p.33-34.

chamados a domicílio. No campo pessoal, suas dificuldades, devidas às dissensões não foram poucas. Em 1886, por exemplo, discorreu sobre a histeria masculina, perante a associação médica de Viena e obteve o que chamou de uma rejeição obtusa.<sup>36</sup>

Depois disso, Freud une-se a Joseph Breuer (1842-1925), outro médico e fisiologista experimental Vienense, com quem começa a estudar a histeria, com o auxílio da técnica do hipnotismo, aprendida na França.

Assim, inicia seus estudos, que foram chamados, depois, de pré-psicanalíticos, ainda que já provocassem essas resistências, pois já traziam a idéia de que as raízes da sexualidade constituem a realidade do inconsciente. No início seus artigos falavam, mesmo da histeria, em seus aspectos de fenômenos físicos e indícios leves de interesse psíquico.<sup>37</sup>

Outro seu amigo, Wilhelm Fliess, otorrinolaringologista, que chega a Viena em 1887, ouviu algumas conferências de Freud sobre neurologia. De grande erudição e ambição científica, Fliess demonstrava compreensão das teorias de Freud e lhe dava apoio e idéias. Foi ele que ajudou Freud a voltar sua atenção aos chistes, e já em 1890, publicou textos, nos quais fazia reflexões sobre a sexualidade infantil; antes mesmo de Freud.<sup>38</sup>

Freud não estava satisfeito com os métodos de tratamentos para os distúrbios psíquicos da época, nem com as indicações comuns de banhos térmicos e afastamentos dos compromissos, achava-os paliativos inócuos. Daí que tomou impulso seu interesse em algo que fosse além do modelo médico, ou da consideração de que os fenômenos psíquicos não passavam de fingimento.

Em seu início, a psicanálise se caracterizou pelo método de tratamento chamado de catarse (Breuer). As descobertas de Breuer indicavam que os sintomas histéricos baseiam-se em cenas do passado que causaram intensas impressões, mas que foram esquecidas. A terapêutica consistia em fazê-los

---

<sup>36</sup> GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.65.

<sup>37</sup> FREUD, S. "Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico". Vol. I. *Op. Cit.* p.51-57.

<sup>38</sup> GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. *Op. Cit.* p.68.

lembrar e reproduzir estas cenas, em estado de hipnose (que foi chamado de catarse), de modo que os sintomas representavam um emprego anormal de excitação sem descarga (o que foi chamado de conversão histérica).<sup>39</sup> O tratamento então, consistia em focalizar o momento em que o sintoma se formava e reproduzir os processos psíquicos envolvidos a fim de dirigir-lhes à descarga pelo caminho da atividade consciente. Depois a hipnose foi abandonada e a tarefa passou à procura, nas associações livres do paciente, do que ele deixava de recordar. A resistência devia ser contornada pela comunicação, ao paciente, do trabalho da interpretação.<sup>40</sup>

Em 4 de novembro de 1899, a editora Franz Deuticke, publicou um livro de Freud: *Die Traumdeutung* (A Interpretação dos Sonhos), no qual constava a data de 1900, embora seu sucesso de vendas não tenha chegado antes de alguns anos (em seis anos foram vendidos apenas 351 exemplares),<sup>41</sup> a interpretação já toma seu lugar de ‘ferramenta’ da psicanálise.

Conta Freud, que em 1909, numa universidade norte-americana, teve a primeira oportunidade de falar em público sobre a psicanálise. “A psicanálise é criação minha; durante dez anos fui a única pessoa que se interessou por ela, e todo o desagrado que o novo fenômeno despertou em meus contemporâneos desabou sobre a minha cabeça em forma de críticas”.<sup>42</sup>

Nessa época já havia público para a psicanálise, embora interessados não só em aprender sobre o novo método de tratamento, mas também em desacreditá-lo.

Para termos uma idéia do percurso de Freud, com relação aos conceitos psicanalíticos, acompanhemos seu artigo “Dois Verbetes de Enciclopédia”<sup>43</sup> em seu primeiro ponto – psicanálise – no qual ele nos fala dos principais pontos da psicanálise freudiana, para depois situarmos o percurso lacaniano.

---

<sup>39</sup> FREUD, S. “A história do movimento psicanalítico”. Vol. XIV. *Op. Cit.* p.17.

<sup>40</sup> FREUD, S. “Recordar, repetir e elaborar”. Vol. XII. *Op. Cit.* p.193.

<sup>41</sup> GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. *Op. Cit.* p.21.

<sup>42</sup> FREUD, S. “A história do movimento psicanalítico”. Vol. XIV. *Op. Cit.* p.16.

<sup>43</sup> FREUD, S. “Dois verbetes de enciclopédia”. Vol. XVIII. *Op. Cit.* p.287-307.

A psicanálise é descrita de três maneiras, pelo próprio Freud. Primeiro, como o nome de um procedimento para a investigação de processos psíquicos que são quase inacessíveis por qualquer outro modo. Segundo, como um método para o tratamento de distúrbios neuróticos e, em terceiro, um campo de conhecimento psicológico obtido ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.

Sua história pode ser contada a partir de 1880 e 1881, quando o Dr. Josef Breuer, médico e fisiologista experimental de Viena, tratava uma jovem, de grave histeria, que cuidava do pai doente. Apresentava paralisias motoras, inibições e distúrbios de consciência. A própria paciente sugeriu, a Breuer, o uso de hipnose e conseguiu que retornasse, em cada ocasião específica, a uma condição psíquica normal. Repetindo sistematicamente o mesmo processo, libertou-a de suas inibições e paralisias, de maneira que, ao final, achou também uma inesperada compreensão da natureza enigmática da neurose. Não publicou nada sobre o caso por cerca de 10 anos até que Freud o persuadiu a retomar o assunto e empenhar-se num estudo conjunto. Breuer e Freud publicaram um artigo preliminar em 1893, “Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos”, e, em 1895, os *Estudos sobre a Histeria*, no qual descrevem seu procedimento terapêutico como ‘catártico’.

Os estudos de Breuer e Freud conduziram a dois resultados que se mantêm quase inalterados até hoje: primeiro, que os sintomas histéricos têm sentido e significado, sendo substitutos de atos psíquicos normais, e, segundo, que a descoberta desse significado desconhecido é acompanhada pela remoção dos sintomas, de modo que, nesse caso, a pesquisa científica e o esforço terapêutico coincidem.

Essas idéias teóricas de Breuer e Freud foram influenciadas pelas teorias de Charcot sobre a histeria traumática. Desde o início, o fator *afeto* foi considerado fundamental, ou seja, os sintomas histéricos, surgiam quando um processo psíquico, de grande carga emocional, era impedido de fluir para o caminho normal que conduz à consciência e ao movimento (impedido de ser ‘ab-reagido’). Como resultado disso, o afeto, ‘estrangulado’, era desviado ao longo de outros caminhos e transbordava para a inervação somática (processo denominado

de 'conversão'). As ocasiões nas quais surgem 'idéias patogênicas' desse tipo foram descritas por Breuer e Freud como 'traumas psíquicos' e, visto que estes remontavam ao passado muito remoto, foi possível aos autores dizer que os histéricos sofrem de reminiscências (que não haviam sido tratadas).<sup>44</sup>

No tratamento, a 'catarse' surgia quando o caminho à consciência se abria e havia uma descarga normal do afeto. Isso se baseava na pressuposição da existência de processos inconscientes.

Breuer argumentava que as idéias patogênicas dependiam de 'estados hipnóides' (nos quais o funcionamento psíquico estava sujeito a limitações especiais). Freud discordava, inclinando-se para a crença de que a idéia se tornava patogênica se seu conteúdo estava em oposição com a tendência predominante da vida psíquica do sujeito, de maneira a incitá-lo a entrar em 'defesa'.

Na transição para a Psicanálise propriamente dita, a hipnose foi abandonada. Logo mostrou-se que as esperanças terapêuticas, antes depositadas no tratamento catártico da hipnose, achavam-se até certo ponto irrealizáveis. Embora o desaparecimento dos sintomas dependesse da catarse, o sucesso revelou-se inteiramente dependente da relação do paciente com o médico, assemelhando-se ao efeito da sugestão hipnótica. Perturbando-se essa relação, todos os sintomas reapareciam prontamente.

A condição hipnótica permitia ao paciente associar diretamente no sentido de conduzir desde o sintoma até os pensamentos e lembranças a ele vinculados; coisa inacessível à reflexão consciente.

Se a situação assim, podia se complicar, Freud lembra que segundo o Dr. Bernheim, da escola da Nancy, coisas experimentadas em estado de sonambulismo eram apenas aparentemente esquecidas e podiam ser trazidas à lembrança, se o médico insistisse energicamente em que o paciente as conhecia.

Então, Freud passou a insistir junto a seus pacientes, agora não hipnotizados, que lhe fornecessem suas associações, para achar o caminho que

---

<sup>44</sup> FREUD, S. "Dois verbetes de enciclopédia". Vol. XVIII. *Op.Cit.* p.288.

levava ao conteúdo esquecido ou desviado. Logo observou que a insistência era desnecessária, muitas idéias quase sempre surgiam, mas eram retidas antes de serem comunicadas e, até mesmo, de se tornarem conscientes, devido a certas objeções colocadas pelo paciente (resistência).

Daí conclui que o que acontece posteriormente a um paciente, desde um ponto de partida específico, deve estar em conexão interna com esse ponto de partida. E então, surgiu a técnica da associação livre: pedir ao paciente que abandone toda a sua atitude crítica, simplesmente comunique, todo o tempo, a superfície de sua consciência com a mais completa honestidade, e, por outro lado, não retendo nenhuma idéia, mesmo que (1) sinta ser ela muito desagradável, (2) julgue-a absurda ou (3) sem importância demais ou (4) irrelevante para o que está sendo buscado. É curioso como justamente as idéias que provocam as reações mencionadas são as que têm valor para a análise.<sup>45</sup>

Agora, a psicanálise era uma arte da interpretação e considerava a descoberta de Breuer, de que os sintomas neuróticos são substitutos de outros atos psíquicos que foram omitidos. A questão era encarar o material das associações do paciente como se insinuasse um significado oculto e de descobrir, a partir dele, esse significado.

As associações do paciente surgiam como alusões a um tema específico, e ao analista só era necessário adiantar um passo a fim de descobrir o que estava oculto ao próprio paciente, e poder comunicá-lo a este.

Esse trabalho de interpretação não podia ser submetido a regras estritas e deixava uma grande margem de manobra ao tato e à perícia do analista; no entanto, com imparcialidade e prática foi possível obter resultados dignos de confiança que eram confirmados por se repetirem em casos semelhantes.

A interpretação das parapraxias e dos atos-falhos constituiu um triunfo para a arte interpretativa da psicanálise, permitindo demonstrar que certos atos psíquicos comuns de pessoas normais, para os quais ninguém havia até então

---

<sup>45</sup> FREUD, S. “Dois verbetes de enciclopédia”. Vol. XVIII. *Op.Cit.* p.290/1.

dado atenção, deveriam ser considerados de mesma natureza que os sintomas dos neuróticos, isto é, que tinham um significado, desconhecido para o sujeito, mas capaz de ser descoberto pelos meios analíticos. Estes atos eram, por exemplo, o esquecimento temporário de palavras e de efetuar tarefas prescritas, lapsos cotidianos de língua e de escrita, leituras erradas, perdas e colocações erradas de objetos, danos a si próprio, aparentemente acidentais, e movimentos habituais efetuados sem intenção ou por brincadeira, etc., foram despidos de sua explicação fisiológica, como estritamente determinados, e revelados como expressão de intenções suprimidas ou como o resultado de um embate entre duas intenções, uma das quais era inconsciente.

O âmbito de determinismo psíquico foi ampliado de maneira imprevista e o suposto abismo existente entre os fatos psíquicos normais e patológicos se quebrou.

A Interpretação de Sonhos abriu uma nova abordagem à vida psíquica quando a técnica da associação livre foi aplicada aos sonhos. A maior parte do que sabemos dos processos inconscientes deriva-se da interpretação dos sonhos.

A psicanálise restaurou aos sonhos a importância que lhes era geralmente atribuída no passado, mas os trata de modo diferente. Não se apóia na perícia do intérprete, mas, na maior parte, entrega a tarefa ao próprio sonhador, pedindo-lhe suas associações aos elementos independentes do sonho.

A força da formação dos sonhos não é fornecida pelos pensamentos oníricos latentes nem pelos resíduos diurnos, mas sim pelo desejo, o qual é inconsciente porque reprimido.

A dinâmica da formação dos sonhos é a mesma da formação dos sintomas. Em ambos os casos há uma luta entre duas tendências, uma inconsciente, normalmente reprimida, que se esforça por obter satisfação, isto é, a realização do desejo, enquanto a outra, pertencente ao ego consciente, é desaprovativa e repressiva. O resultado desse conflito é uma *formação conciliatória* (o sonho ou o sintoma) na qual ambas as tendências encontram expressão incompleta.

Certos objetos, combinações e relações são representados, nos sonhos,

indiretamente, através de 'símbolos', utilizados pelo sonhador, mas sem entendê-los, e para os quais, via de regra, não oferece associações. Sua tradução depende do analista, que, por si próprio, só pode descobri-la empiricamente, ajustando-a experimentalmente ao contexto.

O hábito lingüístico, a mitologia e o folclore apresentam amplas analogias com os símbolos oníricos.

Depois da técnica hipnótica ser substituída pela associação livre, a novidade foi a significação etiológica da vida sexual. Na raiz da formação do sintoma deveriam encontrar-se experiências traumáticas do início da vida sexual. Assim, um trauma sexual entrou no lugar de um trauma comum e viu-se que o último devia sua significação etiológica a uma conexão associativa ou simbólica com o primeiro, que o precedera.

Nenhuma das teses da psicanálise defrontou-se com tamanho ceticismo ou tão forte resistência quanto esta.

A psicanálise teve que tratar de um assunto cuja existência mal havia sido suspeitada. A ciência considerava que o início da vida sexual só acontecia na puberdade e as manifestações de sexualidade em crianças, eram tidas como sinais de precocidade ou degeneração. Porém, a psicanálise considerou necessário remontar o início da função sexual nas crianças quase ao começo da existência.

A sexualidade, nas crianças, apresentou um quadro diferente da dos adultos, exibindo numerosos traços do que, nos adultos, era considerado como 'perversões'. Assim ampliou-se o conceito de 'sexual', até que abrangesse mais do que a união dos dois sexos no ato sexual ou da provocação de sensações agradáveis específicas nos órgãos genitais. Essa ampliação foi, porém, recompensada pela nova possibilidade de apreender a vida sexual infantil, normal e perversa, como um todo único.

As pesquisas revelaram também o papel desempenhado, na vida psíquica, pelas atividades da fantasia, que pesava mais sobre as neuroses que a realidade externa.

Quanto ao desenvolvimento da libido, pode-se dizer que a pulsão sexual corresponde à manifestação dinâmica do que, na vida psíquica, chama-se 'libido'.



As fontes dessas pulsões são os órgãos ou partes do corpo, que devido a erotização, são chamados de zonas erógenas. As pulsões esforçam-se por obter satisfação independentemente umas das outras. Seu início, chamado de organização pré-genital, é o oral, no qual, os interesses predominantes do bebê se depositam na boca. É seguido pela organização anal-sádica em que a zona anal e a pulsão componente do sadismo são particularmente proeminentes; nesta, a diferença entre os sexos é representada pelo contraste entre ativo e passivo. A terceira organização é aquela em que a libido converge também para as zonas genitais. Em geral esse andamento é atravessado moderadamente, mas certas partes individuais das pulsões ficam para trás, mostrando as fixações da libido, como predisposições constituintes para irrupções subseqüentes do reprimido no desenvolvimento posterior das neuroses.

Em anos muito precoces da infância (aproximadamente entre dois e cinco anos) ocorre uma convergência das pulsões sexuais em direção a um objeto, o qual, no caso dos meninos, é a mãe. Essa escolha de um objeto, em conjunção com uma atitude de rivalidade e hostilidade para com o pai, fornece o conteúdo do que é conhecido como o complexo de Édipo, que em todo ser humano é da maior importância na determinação da forma final de sua vida erótica.

Diferente do que parece, o desenvolvimento da sexualidade apresenta-se em duas ondas. Perto do final do quinto ano de idade, esse período inicial da vida sexual normalmente é sucedido por um período de latência, durante o qual as coibições éticas são construídas, para atuar como defesas contra os desejos edipianos. No período subseqüente da puberdade, esse complexo é revivido e envolve-se em novas modificações. Se é na puberdade que as pulsões sexuais chegam à sua plena intensidade, a direção desse desenvolvimento e suas predisposições já foram determinadas pela eflorescência precoce da sexualidade durante a infância. Esse desenvolvimento difásico da função sexual — em duas fases, interrompidas pelo período de latência — parece conter o fator determinante da origem das neuroses.

As neuroses têm sua estrutura estabelecida sobre a repressão. Expressam conflitos entre o eu e as pulsões sexuais que parecem incompatíveis ao

eu com sua integridade ou com seus padrões éticos. Esse desacordo com o eu faz com que ocorra a repressão, isto é, afaste seu interesse delas e impeça-as de se tornarem conscientes, e de obterem satisfação através de descarga motora. No trabalho analítico, a tentativa de tornar conscientes essas pulsões reprimidas, provoca as forças repressivas sob a forma de resistência. A repressão, porém, fracassa no caso das pulsões sexuais. Sua libido represada encontra outras saídas do inconsciente, por via da regressão até onde existam fixações infantis para irromper na consciência e obter descarga. Daí resulta um sintoma e, conseqüentemente, uma satisfação sexual substitutiva. O sintoma não escapa inteiramente às forças repressivas do ego, tendo de submeter-se a condensações e deslocamentos — exatamente como acontece com os sonhos, motivo pelo qual sua característica de satisfação sexual se torna irreconhecível. É desse modo que os sintomas mostram sua natureza de conciliações entre as pulsões sexuais reprimidas e as pulsões repressoras; representam uma realização de desejo para ambas as partes do conflito simultaneamente, porém incompleta para ambas.

A confirmação de que as forças motivadoras da formação de sintomas são de natureza sexual encontra-se na transferência. No decurso da análise forma-se regularmente, entre o paciente e o analista, uma relação emocional especial que vai muito além dos limites racionais. Tal relação é derivada de atitudes eróticas anteriores do paciente, as quais se tornaram inconscientes. Essa transferência, seja terna ou hostil, é utilizada como arma pela resistência; porém, nas mãos do analista, transforma-se no mais poderoso instrumento terapêutico.

A pressuposição do inconsciente, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão, a importância da sexualidade e do Édipo constituem os fundamentos da psicanálise. Aquele que não aceite a todos não deve considerar-se psicanalista, afirma Freud.

Tal teoria, não podia deixar de provocar certo mal-estar. Entre 1911 e 1913 dois movimentos de divergência da psicanálise tentaram atenuar suas feições repelentes. Um deles (patrocinado por Carl Gustav Jung), para conformar-se aos padrões éticos, transvestiu o complexo de Édipo, concedeu-lhe apenas um valor simbólico e desprezou o período infantil esquecido. O outro (originado por Alfred

Adler) reproduziu muitos conceitos da psicanálise com outros nomes; por exemplo, a repressão era, numa versão sexualizada, 'protesto masculino'. O movimento afastou-se do inconsciente e das pulsões sexuais e quis remontar a origem do caráter e das neuroses à 'vontade de poder'.

A psicanálise nunca se apresentou como uma panacéia, diz Freud. Ela apenas constitui o único método possível de tratamento para certas enfermidades e, para outras, é o que rende os melhores ou mais permanentes resultados, embora com um dispêndio correspondente de tempo e de trabalho. Onde ela ainda não pode oferecer ajuda, mas apenas compreensão teórica, pode estar preparando o caminho para algum meio mais direto de influenciar os distúrbios neuróticos. Suas melhores possibilidades estão nas duas neuroses de transferência, a histeria e a neurose obsessiva, além delas, todas as espécies de fobias, inibições, deformidades de caráter, perversões sexuais e dificuldades da vida erótica.

As críticas à psicanálise, mesmo em obras científicas, reclama Freud, baseiam-se em informações insuficientes, parecendo ser determinadas por resistências emocionais. Dá o exemplo de que é um equívoco acusar a psicanálise de 'pansexualismo' e alegar que ela deriva da sexualidade todas as ocorrências psíquicas. Ao contrário, a psicanálise faz distinção entre as pulsões sexuais e outras, que provisoriamente denominou de 'pulsões do ego'. Jamais sonhou tentar explicar 'tudo', e mesmo das neuroses, remontou sua origem não somente à sexualidade, mas ao conflito entre as pulsões sexuais e o ego. Na psicanálise (diferentemente do uso que faz C.G. Jung), o termo 'libido' não significa energia psíquica em geral, mas sim a força motivadora das pulsões sexuais.

Nunca se buscou, na psicanálise, a cura dos distúrbios neuróticos dando rédea livre à sexualidade, esta é uma má interpretação grave e tendenciosa.

Ao contrário, a tomada de consciência dos desejos sexuais reprimidos, torna possível obter domínio sobre eles, que com a repressão era-se incapaz de conseguir. Pode-se dizer que a análise libera o neurótico das cadeias de sua sexualidade.

Também é absurdo e anticientífico crer que a análise seja calculada para solapar a religião, a autoridade e a moral. Ela possui o único objetivo de chegar a

uma visão harmônica de uma parte da realidade.

Finalmente, Freud caracteriza como simplório o temor de que os mais elevados bens da humanidade, — a pesquisa, a arte, o amor, o senso ético e social — perderão seu valor ou sua dignidade porque a psicanálise ‘inventou’ que sua origem está apoiada em moções pulsionais elementares e animais.

Jung chamou atenção para a semelhança entre as fantasias desordenadas dos que padecem de demência precoce e os mitos dos povos primitivos. Freud indicou que os dois desejos que se combinam para formar o complexo de Édipo coincidem com as duas proibições impostas pelo totemismo (não matar o ancestral tribal e não casar com nenhuma mulher pertencente ao próprio clã).

A significação do complexo de Édipo tomou grandes proporções e pareceu que a ordem social, a moral, a justiça e a religião houvessem surgido juntas, na eras primevas da humanidade, como formações reativas contra esse complexo.

A Psicanálise apresenta um caráter de Ciência Empírica; segundo seu criador, ela não é como as filosofias, não parte de alguns conceitos básicos claros e definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles. Pelo contrário, se além aos fatos de seu campo de estudo, tenta resolver os problemas imediatos da observação, com o auxílio da experiência, é incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Se a seus conceitos mais gerais falta clareza, ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro.

Depois de acompanharmos Freud em sua descrição da história da psicanálise, vejamos o que significou a influência lacaniana neste campo.

Após Freud, o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981), realizou uma releitura da obra de Freud. Como ele mesmo dizia, na busca do resgate do sentido da obra de Freud.

Conta-se, nos meios psicanalíticos, que Lacan foi homenageado, colocando-se seu nome num congresso, que se renova, até hoje, aproximadamente de dois em dois anos, no continente americano, e informando-o, então, da ‘Reunião

Lacanoamericana de Psicanálise'. Sua resposta teria sido mais ou menos assim: 'se vocês querem ser lacanianos que sejam, eu sou freudiano'.

Ademais das críticas e até da discussão de que o fato tenha ocorrido, ou não, ele a demonstrou em toda a sua teorização. Em seus *Escritos*, por exemplo afirma que "O inconsciente é essa parte do discurso concreto enquanto transindividual, que falta na disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente."<sup>46</sup>

Foi nesse nível, que Lacan retomou a descoberta freudiana. O inconsciente pensa, segundo Freud, ao que Lacan acrescenta: esses pensamentos (Gedanken) constituem a modalidade de existência do inconsciente, a partir de uma rede de oposições significantes.

O conceito de significante, na psicanálise, não é freudiano. Foi retirado da lingüística estrutural, que deveu sua formalização a Ferdinand de Saussure. Para Saussure<sup>47</sup>, o signo é formado por dois elementos complementares: o significante, imagem acústica da palavra, e o significado que corresponde ao conceito. Por sua vez, Lacan modificou a proposta de Saussure, ao assinalar a primazia do significante sobre o significado.

Em termos psicanalíticos, o conceito de significante corresponde à palavra, na medida em que esta pode remeter a mais de uma significação. "O significante pode ser palavra, mas também tem, entre outras alternativas, uma encarnação corporal, como demonstra o sintoma", nos diz Roberto Harari.<sup>48</sup> A conversão histérica, por exemplo, é o que melhor testemunha o disfarce corporal silencioso e censurado da ação do significante.

Ao abordar o conceito de inconsciente, Lacan apontará que, se há uma ciência piloto da qual podemos adotar noções e métodos, esta é a lingüística. O que não implica dizer que a psicanálise seja uma lingüística, eventualmente aplicada.

---

<sup>46</sup> LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.123.

<sup>47</sup> SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

<sup>48</sup> HARARI, R. *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais da Lacan*. São Paulo: Papyrus, 1990. p.49.

No artigo, “As pulsões e seus destinos”, Freud destaca que é necessário tomar de empréstimo “idéias provenientes daqui e dali”,<sup>49</sup> de outros campos, para fundar uma ordem de saber recém começada. Inicialmente, Lacan apostou sua tentativa de formalização do conceito de inconsciente, pelo lado da lingüística, ao formular o já citado aforismo: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”. ‘Como’ uma linguagem e não que o que é inconsciente ‘seja’ linguagem.

As regras estruturais, comuns ao inconsciente e à linguagem, referem-se às figuras de estilo ou tropos, que são a metáfora (condensação) e a metonímia (deslocamento). A partir daí, tem sentido pensar na dimensão estrutural do inconsciente. Contudo, isso não quer dizer que o inconsciente é do campo da lingüística.

Partindo da tese de que o mundo das palavras cria o mundo das coisas, Lacan coloca o homem como um “ser simbólico”, atravessado pela linguagem e a ela submetido. O inconsciente torna-se uma estrutura apreensível no ato mesmo da fala do sujeito.

Lacan é responsável por uma releitura radical da obra freudiana, não só a partir da lingüística, mas também, da filosofia, antropologia, matemática, lógica e da topologia. Desse modo, ele redefine a prática clínica, reiterando seu *status* dentro das ciências humanas e marcando a radical diferença do modelo orgânico da psiquiatria.

Em seu artigo “Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise”, apresentado em Roma, em 1953, Lacan demonstra os fundamentos da psicanálise, diferenciando-a da “psicologia do ego”, tendência hegemônica na década de 50, que procurava adaptar os conflitos humanos às normas sociais.

Empenhado em sua investigação, Lacan realiza uma releitura da obra freudiana, à partir dos textos de autores como o antropólogo Lévi-Strauss e o lingüista Ferdinand de Saussure, inscrevendo a psicanálise no movimento do estruturalismo, contudo, sem jamais se dizer estruturalista, nem igualar a psicanálise

---

<sup>49</sup> FREUD, S. "As pulsões e seus destinos". Vol. XIV. *Op. Cit.* p.137.

ao estruturalismo.

Por fim, foi Lacan que introduziu a topologia, e seus conseqüentes conceitos de Real, Simbólico e Imaginário, sendo que o primeiro caracterizou a novidade. A contribuição Lacaniana para a psicanálise freudiana é fundamental no que restitui o sentido da obra de Freud. É por esse motivo e nesse espírito que se criou um movimento, em três de outubro de 1998, em Barcelona, chamado 'Convergência, movimento Lacaniano para a psicanálise freudiana'.

# INTERPRETAÇÃO

*O delírio de interpretação é, em  
resumo, uma psicose  
constitucional.*

Lacan

A interpretação mesma tem seus inícios marcados pela chamada hermenêutica. Esta, diz respeito a uma interpretação de um texto especial, de especiais características: primeiramente dirigida para a procura da verdade da palavra de Deus. Aqui, a interpretação tem o caráter de exegese bíblica, ou seja, de uma interpretação minuciosa, esclarecimento detalhado, na busca da verdade bíblica, também chamada de a verdadeira palavra de Deus.

De forma geral, e por isso mesmo simples, podemos dizer inicialmente que a compreensão de algo, através da interpretação, chama-se de hermenêutica.

Hermenêutica, do grego *hermeneuein*, conota uma teoria ou filosofia da interpretação, de modo a tornar possível a compreensão do objeto de estudo, muito além de sua simples aparência superficial. A palavra grega *hermeios* é derivada do deus Hermes que, na mitologia grega, foi o descobridor da linguagem e da escrita. Hermes, desse modo, teria descoberto o objeto utilizado para representar a compreensão humana, para alcançar o significado das coisas e para transmiti-lo ao



outro. O termo 'hermético' vem de Hermes e significa algo oculto ou inacessível.<sup>50</sup> O deus Hermes tinha uma função de transmutação na representação: transformava o que o humano não compreendia em algo que pudesse ser alcançado pela sua capacidade de compreensão.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> GAARDER, J. *O mundo de Sofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.76.

<sup>51</sup> MUSETTI, R. A. Apresenta textos sobre hermenêutica. Disponível em:  
<http://www.direito.adv.br/artigos/Herm.Jur.Ambiental.htm>. Acesso em: 05/11/2001.

## HERMENÊUTICA E LEITURA

*Escrevo sem pensar, tudo o que o  
meu inconsciente grita. Penso depois:  
não só para corrigir, mas para  
justificar o que escrevi.*

Mário de Andrade

*La interpretación es una significación  
que no es una significación  
cualquiera. (...) se invierte la relación  
por la cual, en el lenguaje, el  
significante tiene como efecto al  
significado.*

Lacan

A hermenêutica é, originariamente, uma disciplina filológica, isto é, uma técnica de leitura orientada para a compreensão das obras da Antiguidade clássica (como a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero) e dos textos religiosos. As interpretações de ordem filológicas seguem regras rigorosamente determinadas: explicações lexicais e gramaticais, retificação crítica dos erros dos copistas, etc. e ainda interpretação alegórica e moral. A técnica consiste na busca da restituição de um texto ou de uma palavra, mais especificamente no que se refere ao sentido, considerado como perdido ou obscurecido. Assim que o sentido é menos para construir do que para reencontrar, como uma verdade que o tempo teria encoberto.<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> GOMES, A. Apresenta textos sobre hermenêutica. Disponível em:

## HERMENÊUTICA E CIÊNCIAS HUMANAS

*O mais valioso de todos os talentos é aquele de nunca usar duas palavras quando uma basta.*

Thomas Jefferson

No início do século XIX, com o teólogo protestante Friedrich Schleiermacher<sup>53</sup> (1768-1834), assiste-se a uma generalização do uso da hermenêutica. Esta, embora conservando os seus laços privilegiados com os estudos bíblicos e clássicos, visa a partir de então, todo o campo da expressão humana. A atenção não é mais apenas voltada para o texto, mas para autor. Ler um texto, é dialogar com um autor e esforçar-se por reencontrar a sua intenção, é compreender seu espírito na decifração das obras nas quais ele se expressa.

É com a obra do filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) que a hermenêutica assume o estatuto de um método de conhecimento. O texto a interpretar é a própria realidade humana no seu desenvolvimento histórico. Aplicado ao estudo da ação histórica, o ato hermenêutico deve restituir “do interior” a intenção que guiou o agente no momento em que ele tomava tal decisão, e alcançar a significação desta ação.<sup>54</sup>

---

<http://www.terravista.pt/ancora/2254/hermneut.htm>. Acesso em: 30/10/2001.

<sup>53</sup> SCHLEIERMACHER, F. *Hermenêutica* – arte e técnica da interpretação. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>54</sup> GOMES, A. Apresenta textos sobre hermenêutica. Disponível em <http://www.terravista.pt/ancora/2254/hermneut.htm>. Acesso em: 30/10/2001.

## A HERMENÊUTICA COMO SITUAÇÃO HUMANA

*La interpretación no está abierta a todo sentido. (...) No porque he dicho que el efecto de la interpretación es aislar en el sujeto una médula, un Kern, para expresarnos como Freud, de sinsentido, la propia interpretación es un sinsentido.*

Lacan

O filósofo alemão Hans Georg Gadamer (nascido em 1900) mostra, em *Verdade e Método*,<sup>55</sup> que a interpretação, antes de ser um método, é a expressão de uma situação do homem: o intérprete que aborda uma obra está já situado no horizonte aberto pela obra (é o “círculo hermenêutico”). A interpretação é, antes de mais nada, a elucidação da relação entre o intérprete e a tradição da qual provém o interpretado.

Assim como Freud iniciou seus estudos sobre sonhos, no qual a interpretação visava revelar o significado do que ele denominou de sonho latente, em contraposição ao conteúdo onírico manifesto (história lembrada e manifestada no relato), também, a Hermenêutica busca revelar, descobrir, perceber o significado mais profundo daquilo que se mostra, de modo bruto, na realidade manifesta. Sua procura aponta para um significado oculto, não manifesto, de um texto. Desse modo, a hermenêutica poderia abranger um método ou uma ferramenta de

---

<sup>55</sup> GADAMER, H. G. *Verdade e método*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis:

pesquisa, através da qual podemos chegar a conhecer realmente o próprio Homem, a realidade em que vive, a sua história e sua própria existência.

O termo 'interpretar', como citado acima, avança por diversos campos do conhecimento, desde a mais antiga consideração da exegese dos textos bíblicos, passando pela simples explicação do senso comum, como ajuizamento da intenção e do sentido; pela indução ou presságio; pela explanação; pela tradução ou versão de uma língua; pela aclaração de uma palavra, texto, lei, etc.; pela hermenêutica jurídica; pela representação teatral e musical; pela conversão ou compilação de um programa de informática e, chegando na psicanálise, entre outras coisas, como busca da desmontagem substitutiva da metáfora.

Desde a Teoria da Exegese Bíblica de Danhamer (1654), a Hermenêutica passou por vários momentos, nos quais destacaram-se alguns autores com as seguintes obras: A Hermenêutica Romântica de Schleiermacher; a Hermenêutica Histórica de Dilthey; a Ontologia Hermenêutica de Heidegger; a Teoria Hermenêutica de Betti; a Hermenêutica Filosófica de Gadamer; a Hermenêutica Crítica de Apel e Habermas; e a Hermenêutica Fenomenológica de Paul Ricoeur.

Dado que não faz parte de nosso intento e nem teríamos espaço aqui para aprofundarmo-nos em um histórico da hermenêutica, apenas usaremos suas possíveis correlações com a interpretação, de forma a caminharmos até o ponto em que a interpretação aparece, como conceito, em psicanálise.

De todo modo, hoje, a interpretação é, sem sombra de dúvida, necessária em quase todos os campos do conhecimento humano.

A substituição metafórica,<sup>56</sup> como condição da linguagem, exige, pelo leitor,<sup>57</sup> um trabalho em direção contrária, que refaça o trajeto da objetivação nas conexões intelectuais. E, sendo na linguagem que se expressa toda a compreensão, temos que a interpretação mostra-se necessária e presente em todos os campos da vida humana. Qualquer 'leitura', se não resultar numa total

---

Vozes, 1997. p.485.

<sup>56</sup> Usa-se aqui a 'substituição metafórica' como modelo das figuras de linguagem, portanto, referindo o uso de qualquer das figuras de linguagem.

incompreensão, implica uma compreensão, alcançada através de uma interpretação; mas, isso não como escolha, senão que é o processo possível de nosso modo de pensamento corrente. É ela, a responsável pela contextualização de qualquer tema, qualquer assunto que esteja em pauta, nas mais diversas situações de nossas vidas. É claro que há aqui, uma relação privilegiada com as questões da linguagem, que se não são diretamente as representantes, sobre as quais se procura alguma compreensão, o serão de forma indireta, como aquilo sobre o que se apóiam os pensamentos. Além do que ela fica, assim, quase sinonimizada à compreensão ou entendimento. Lembremos que se trata, não da compreensão, mas do processo, e que é este o fornecedor de alguma possibilidade de compreensão ou entendimento.

O trabalho de interpretação revela, segundo Ricoeur, um desígnio profundo “o de superar uma distância, um afastamento cultural (...) e assim, incorporar seu sentido à compreensão presente”.<sup>58</sup> Afirma também, que os modos de compreensão, como o mito, a alegoria, a metáfora, a analogia, têm de ser emprestados de uma época para outra, como condição de qualquer interpretação, e que a enunciação é decorrente de uma determinada apreensão da realidade, muito mais do que a obtenção de impressões provenientes das coisas mesmas.

A partir daí, fica clara a necessidade mesma da interpretação, mais do que uma opção, que se possa realizá-la ou não, de acordo com a vontade que seja mais ou menos intensa, num dado momento. É imperioso que a captação dos perceptos sejam, por nós, interpretados, sob pena de encontrarmo-nos, num caso mais extremo, no chamado fundamentalismo. Vejamos seu exemplo, cujos efeitos na cultura ocidental e seu retorno de volta à oriental, nos últimos tempos, têm sido enormes. Antes situemos o próprio termo. Fundamentalismo designa qualquer movimento religioso que tende a interpretar a realidade de hoje através dos olhos de antigos preceitos expressos nas chamadas sagradas escrituras. A fidelidade fundamentalista consiste em seguir à risca as páginas dos textos sagrados da sua religião: as Escrituras (Bíblia, Talmude, Corão, ou o Hadith dos hindus), as quais

---

<sup>57</sup> Leitor é usado aqui em seu sentido literal e metafórico.

seriam supostamente traçadas por Deus, logo, devendo ser interpretadas de acordo com a Sua vontade.<sup>59</sup> Portanto, é tomar as palavras sagradas em seus fundamentos, retornar integralmente aos artigos fundamentais da fé, sem alteração, sem nenhuma concessão. Nesse caso, a ausência de interpretação é uma e única interpretação, que nega a pluralidade dos sentidos possíveis, nega a polissemia inerente às palavras e nega também as diferenças, criando uma imagem de unidade e de integridade. Na unidade não há diferença, só há o uno e o completo. Coisa característica do caráter religioso, no que descreve o Uno como um dos sinônimos de Deus. Contudo, não somos deuses nem somos completos, já que nossa condição é a humana. Daí que tal unidade íntegra não pretende outra coisa senão elidir a castração. Outra vertente seria a de, pura e simplesmente, não interpretar, mas que, por resultar na incompreensão, e no sem-sentido, esbarra no narcisismo do eu, que não suportaria conviver com algo que não faça sentido para ele, com algo que não alcance.

Além do cunho religioso que se liga à história da interpretação, pelo termo hermenêutica, há também o artístico e o da linguagem. No âmbito artístico podemos ver seu emprego ligado à música e à representação teatral. São comuns as expressões ‘interpretar uma música’ ou ‘interpretar uma peça’. No setor da linguagem, vale lembrar que as palavras ‘tradutor’ e ‘intérprete’ são sinônimas. E, também algo similar se passa em suas funções, dado que um texto de outro lhe vem para ser, por assim dizer, trabalhado ou processado. Existe um texto anterior, ao qual ele vai dar sua versão. Essa versão, contudo não é inócua, tem efeitos até sobre o texto mesmo. A interpretação pode mudar o texto, ainda que apenas a partir da mudança de sua forma e, um ator pode representar uma peça com tal qualidade que a valorize ou desqualifique-a totalmente.

A hermenêutica e a psicanálise têm algo em comum no que se refere, em termos gerais, à interpretação. A psicanálise tem nela seu instrumento mais geral e mais abrangente, desde a interpretação dos sonhos por Freud, estendendo-se em

---

<sup>58</sup> RICOEUR, P. *O Conflito das interpretações*: ensaio de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978. p.8.

<sup>59</sup> TERRA Networks S.A. Apresenta textos sobre hermenêutica. Disponível em: <http://www.terra.com.br/voltaire/mundo/fundamentalismos2.htm>. Acesso em: 20/10/2001.

Lacan e, até hoje, ocupando lugar de destaque na clínica psicanalítica.

Além da hermenêutica, na literatura e na lógica, encontramos a interpretação. Na Literatura, aparece, por exemplo, ligada ao termo ‘conotação’, em suas vertentes lingüística e lógica. Segundo Catherine Kerbrat-Orecchioni, a conotação não nasceu em 1933, na terminologia lingüística, com Bloonfield, já existia antes, como um termo da lógica. Seu significado indica um conjunto de valores afetivos que adota uma palavra, fora de sua significação (denotação).<sup>60</sup>

Mais especificamente, na vertente lógica, a autora refere “um sentido particular de um enunciado ou de um elemento lingüístico que lhe vem conferido pelo contexto situacional”.<sup>61</sup> A vertente lingüística tem apenas um tratamento parcial e fragmentário, como por exemplo, o verbete conotação no dicionário da Real Academia Espanhola: “a ação e efeito de significar, a palavra, duas idéias, uma acessória e outra principal”.<sup>62</sup>

Não nos propomos aqui, discutir os aspectos lingüísticos da conotação ou da denotação, mesmo porque isto transbordaria nosso projeto e nosso espaço. Tomamos a questão da interpretação, mais especificamente desde a psicanálise e, com as características que ela nos oferece desde seu conjunto de conhecimentos, que têm por objeto o conhecimento científico, visando sistematizar as suas relações, esclarecer os seus vínculos e avaliar os seus resultados e aplicações (sejam eles técnicos, históricos, ou sociais, sejam lógicos, matemáticos, ou lingüísticos), configurando seu campo teórico e seu método próprio.

---

<sup>60</sup> KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La Connotación*. Buenos Aires: Hachette, 1983. p.14.

<sup>61</sup> KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La Connotación*. Op. Cit. p.14.

<sup>62</sup> Dicionario de la lengua Española de la Real Academia (Madrid, 1970).



# INTERPRETAÇÃO NA PSICANÁLISE

*Não quero saber em que língua a  
ópera será cantada - desde que seja  
em uma língua que eu não entenda.*

Wilson Mizner

A psicanálise, segundo seu descobridor, Sigmund Freud, é descrita como a ciência da vida sexual, a arte da interpretação, de combater resistências e de lidar com a transferência.<sup>63</sup>

Pode-se dizer que ela nasceu com o século XX, pela publicação em que emergiu perante o mundo como algo novo — *A Interpretação de Sonhos*<sup>64</sup> — traz a data de ‘1900’.

Vejamos, então, as aproximações e diferenças da interpretação, no campo da hermenêutica e da psicanálise. Mas, para isso, precisaremos antes, situar o campo da psicanálise, ainda que parcialmente.

---

<sup>63</sup> FREUD, S. “Questão da Análise Leiga: conversações com uma pessoa imparcial”. Vol. XX. *Op. Cit.* p.259.

<sup>64</sup> FREUD, S. “A Interpretação dos Sonhos”. Vols. IV e V. *Op. Cit.*

## PSICANÁLISE

*Para compreender as pessoas devo  
escutar o que elas não estão dizendo,  
o que elas talvez nunca venham a  
dizer.*

John Powell

Foi desde a prática clínica que Freud, ouvindo os pacientes, iniciou a psicanálise, tentando entender/interpretar suas queixas, seus sintomas, suas inibições, suas angústias.

Freud critica a afirmação de que as ciências devam ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos, dizendo que nenhuma ciência começa assim, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O início da atividade científica, diz ele, consiste na descrição dos fenômenos, fase na qual não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado. Devem possuir necessariamente certo grau de indefinição, sendo por isso, da natureza das convenções. Convenções não arbitrariamente escolhidas, mas determinadas por relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos determiná-las com clareza. Depois de uma investigação mais completa é que somos capazes de formular seus conceitos básicos, com exatidão progressivamente maior. Só então, pode-se confiná-los em definições. Exemplifica, por fim, que na psicanálise, um conceito básico convencional dessa espécie é o de

‘pulsão’.<sup>65</sup>

Mas, não é só no campo da psicanálise que essa idéia encontra sustentação. Na literatura também: “toda ciência deveria ser assim, pois que, existe diferença entre teoria e convicção; não existe ciência completa, esta vive enquanto supera erros, e não enquanto estabelece verdades”.<sup>66</sup>

Essas afirmações mostram como foi o nascimento da psicanálise, a partir da prática clínica.

Podemos situar a psicanálise como uma teoria surgida, então, de uma prática que rompeu com a psiquiatria, com a neurologia do século XIX e, de modo geral, com a ciência da época. Seus rompimentos com os saberes constituídos, tornaram-se uma constante desde seu nascimento. Freud a apresenta como a terceira grande ferida narcísica, sofrida pelo saber ocidental, ao produzir o descentramento do saber e da consciência, no seu dizer, incluso na linha daqueles saberes lesionantes da vanidade humana: seu planeta já não era mais o centro da Criação (segundo demonstrou Copérnico), o homem resultava ser um parente próximo dos macacos (Darwin), já – com Freud – não era dono das motivações decisivas de sua conduta.<sup>67</sup>

O objeto da psicanálise pode ser dividido em dois grandes eixos, que denominaremos, o eixo da sexualidade e o do inconsciente. Lacan afirma que o inconsciente freudiano, foram as histéricas que o ensinaram a Freud.<sup>68</sup> A transformação do método catártico em psicanálise foi provocada pelo surgimento da teoria da repressão e da resistência, do reconhecimento da sexualidade infantil e da interpretação de sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente.<sup>69</sup>

Mas, com relação à sexualidade, Freud viria a enfrentar fortes oposições. Descreve que sacrificou sua popularidade para pesquisar os fatores sexuais em jogo na causação das neuroses e que suas descobertas lhe pareciam contribuições

---

<sup>65</sup> FREUD, S. “As pulsões e seus destinos”. Vol. XIV. p.137.

<sup>66</sup> EIKHENBAUM. *História da Literatura - Formalistas Russos*. Porto Alegre, Globo: 1976. 2°.

<sup>67</sup> HARARI, Roberto. *Psicoanálisis in-mundo*. Buenos Aires: Kargieman, 1994. p.67.

<sup>68</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos...Op. Cit.* p.20.

<sup>69</sup> FREUD, S. “As pulsões e seus destinos”. Vol. XIV. *Op. Cit.* p.26.

normais à ciência, embora o efeito tenha sido contrário; tenham causado um silêncio e um vazio em sua volta, que o fizeram compreender que a sexualidade não pode contar com o mesmo tipo de tratamento dado ao comum das comunicações. Nas suas palavras: “Compreendi que daquele momento em diante eu passara a fazer parte do grupo daqueles que ‘perturbaram o sono do mundo’ e que não poderia contar com objetividade e tolerância”.<sup>70</sup>

Foi com relação a estas questões, da sexualidade e da resistência que elas provocam, que Freud argumenta com o conceito de pulsão, o qual opõe-se ao conceito de instinto, mais corrente à época.

O termo *pulsão* foi a palavra que se encontrou, em português, para traduzir o *Trieb* (do alemão), e que se caracteriza pela instabilidade, dada a sua não ligação com um objeto, que sua origem não esteja, em nenhum aspecto, ligada ao objeto. Assim, ela não possui um objeto pré-determinado, nem determinado, nem natural.<sup>71</sup>

Todos conhecem o que se chama a curiosidade sexual, o que instiga uma procura por um saber ligado a um objeto, um saber sobre o objeto. A pulsão não parece fazer a balança pender para esse lado, dado que sua ligação, ou não, com qualquer objeto é algo totalmente instável. Igualmente, a curiosidade mostra-se presente quanto às origens dos sintomas neuróticos. Prova disso são alguns pedidos, nos consultórios, de bibliografias a respeito de sintomas, numa flagrante teorização neurótica de que o seu estudo pudesse adiantar e auxiliar no andamento de uma análise.

Quanto ao instinto, podemos usá-lo como exemplo para, pelo modo contrário, ficar claro o que não é a pulsão, ou seja, exemplificarmos pela forma negativa. O instinto refere-se a um saber pronto sobre o sexo, programado geneticamente e ligado a um objeto, portanto pré-determinado. Seu alvo dirige-se sempre para a mesma coisa, que no caso do instinto sexual, é a reprodução. Assim, não é disso que se trata com relação à sexualidade daquele que Lacan chamou de

---

<sup>70</sup> FREUD, S. “As pulsões e seus destinos”. Vol. XIV. *Op. Cit.* p.32.

‘ser falante’.

A pulsão, por outro lado, com sua variabilidade no que respeita ao objeto, caracteriza o ser falante como portador de uma sexualidade de caráter perverso, diferente dos animais, já que neles o sexo tem apenas função reprodutiva, fato que já fora mencionado por Freud, em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*<sup>72</sup>. Assim ele a define, dada sua versão diferente da finalidade biológica, ou seja, do sexo reprodutivo e da preservação da espécie. O chamado destino natural fica, por conseguinte, pervertido, polimorfo. A mira da pulsão, já que não é a reprodução, é a satisfação; coisa que, ironicamente nunca alcança, mas que pode lhe permitir buscar, por meio das mais variadas formas e através dos substitutos mais inéditos e inesperados. Essas variações e substitutos indicam a presença do simbólico ao qual está submetida a sexualidade do ser falante, diferentemente do sexo do animal, por assim dizer, “não-falante”.

Freud, ao escrever a “Psicopatologia da vida cotidiana” rompe com a idéia de normalidade e da psicopatologia como sendo algo diferente do comum do ser falante. Daí que cai a idéia da sexualidade normal e natural. Dada a não relação entre pulsão e objeto<sup>73</sup>, sobra a impressão, para o sujeito, de que há uma inadequação entre ele e o seu meio, quando do que se trata é da inadequação entre a pulsão sexual e o objeto, isto é, o sujeito está imerso numa dimensão de desencontro e de insatisfação. Mas, sejamos claros, isso não conota uma visão pessimista da psicanálise, senão que, Freud já o afirmara com relação a neurose, que uma análise trata de tirar o sujeito da miséria neurótica para a infelicidade comum.<sup>74</sup> Por que infelicidade? – Porque, diz Freud, o sofrimento nos ameaça a três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras; e, de nossos relacionamentos com os outros homens, o que talvez nos seja o mais penoso.<sup>75</sup> Mas

---

<sup>71</sup> FREUD, S. "As pulsões e seus destinos". Vol. XIV. *Op.Cit.* p.143.

<sup>72</sup> FREUD, S. "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". Vol. VII. *Op. Cit.* p.136-149.

<sup>73</sup> Evita-se aqui chamar de «‘seu’ objeto», porque é justamente essa a idéia de ligação, entre pulsão e objeto, que se quer contestar.

<sup>74</sup> FREUD, S. "A Psicoterapia da histeria". Vol.II. *Op.Cit.* p.294.

<sup>75</sup> FREUD, S. "O mal-estar na cultura". Vol. XXI. *Op.Cit.* p.95.

não pára aí, pois que, com uma vida psíquica restituída, se poderá estar bem melhor armado contra essas infelicidades já conhecidas da condição humana.

A pulsão embora não tenha objeto, talvez por isso mesmo, o procure de forma incessante, na tentativa de que preencha a falta que o desejo institui. É o estado de completude que é procurado, impelido pelo desejo, o qual, por sua vez, presentifica a falta. E, nessa paradoxal relação (porque não é relação propriamente dita) a busca da completude encontra inevitavelmente, no objeto, a falta. Nesse sentido, Lacan afirma que “o desejo encontra comumente, no ato, antes o seu colapso que a sua realização, e na melhor das hipóteses o ato só apresenta ao desejo sua proeza, seu gesto heróico.”<sup>76</sup> É nessa procura apaixonada pelo objeto que aparece a falta, a castração, já que não existe este objeto que inteire o sujeito, ou satisfaça a pulsão. Há sempre uma diferença entre o objeto idealizado na busca e o objeto contingente possível. É essa mesma diferença, na medida em que presentifique a falta, a impossibilidade, a incompletude, enfim a castração, que determinará o que será reprimido no sujeito.

Além da pulsão sexual, outra questão crucial na psicanálise é a sexualidade. Não é o termo em seu sentido coloquial que nos interessa aqui, mas sim este eixo — como é costume ser usado nos programas anuais dos Cursos ministrados, por exemplo, nas Instituições Psicanalíticas, a Maiêutica Florianópolis-Instituição Psicanalítica é uma delas — que, junto com o inconsciente, encontra uma forma de dividir todo seu corpo teórico.

A sexualidade está presente desde a primeira infância, contrariando a opinião popular de que ela não existe na infância e só é despertada na puberdade. Freud refere que esse é um equívoco de graves conseqüências e o responsável por nossa ignorância, hoje, sobre as condições fundamentais da nossa vida sexual.<sup>77</sup> Lacan o assinala, a respeito da necessidade de aprendizado, que a “ignorância sexual é um desconhecimento, no sentido técnico do termo”,<sup>78</sup> e que, portanto

---

<sup>76</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 8. A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.14.

<sup>77</sup> FREUD, S. "Os três ensaios...". Vol.VII. *Op.Cit.* p.177.

<sup>78</sup> LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.263.

necessita de aprendizado. A sexualidade do ser falante não remete à uma realidade natural, biológica, mas à psíquica, que se faz de inscrições. A extraordinária difusão das perversões, diz Freud, faz supor que sua predisposição não seja rara, mas que deva, antes, fazer parte do que passa por normal.<sup>79</sup> Além disso, por não ser inata nem instintual, há que ser apreendida desde fora, inscrita por outro. Erotização esta, mediada pela fala e pela linguagem, que acabam por inscrever o sujeito na cultura, esse emaranhado simbólico no qual estamos imersos e que, como simbólico, permite as substituições, o deslizamento significante.

Outro ponto sobre a sexualidade é a questão de que a ela se estrutura em torno da castração e, que esta é a falta constituinte do sujeito falante. O falo, representante da falta, é um organizador da sexualidade, e não como se poderia pensar, a primeira vista, uma desventura ou infortúnio.

O Falo, referido por Freud, como premissa universal, é o que presentifica a falta. Uma presença, mas uma presença que representa a própria falta. Freud o exemplifica com a cabeça de medusa, a partir dos seus cabelos sob a forma de serpentes que derivam, por uma analogia apotropaica, do complexo de castração. Por assustadoras que possam ser, na realidade, servem como mitigação do horror, por substituírem o pênis, cuja ausência é a causa do horror. Isso é uma confirmação da regra técnica segundo a qual uma multiplicação de símbolos de pênis significa castração.<sup>80</sup> A questão torna-se, então, falo/castração, dado que não há um sem o outro. Em *A Significação do Falo*, Lacan diz que ele é o ponto de partida da subjetivação do próprio sexo, enquanto o complexo de castração permite “a instalação no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se ao tipo ideal de seu sexo.”<sup>81</sup> O falo, então, é organizador da sexualidade, mas também, do liame entre a sexualidade, a fala e o inconsciente.

Roberto Harari faz considerações esclarecedoras, relativas à significação do falo, como organizador da sexualidade, enquanto maneira muito especial em que

---

<sup>79</sup> FREUD, S. "Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade". Vol.VII. *Op.Cit.* p.174.

<sup>80</sup> FREUD, S. "A cabeça de Medusa". Vol.XVIII. *Op.Cit.* p.329.

<sup>81</sup> LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.262.

a psicanálise vai conceber a sexualidade. A maneira da psicanálise entender a sexualidade é à maneira de erotólogos e não dos sexólogos. Diferenciando assim, a psicanálise da terapia sexual, pois não se trata das maneiras de “tregar” melhor ou pior, como se fossem receitas determinadas. Daí refere também, que só há maneira de se identificar com o tipo ideal de cada sexo pela via de uma privação, mas, privação de uma coisa que não temos. Eis aí a dimensão do falo como faltante.<sup>82</sup>

Ligado ao falo, temos de considerar a noção, que nos traz Freud, sobre o chamado complexo de Édipo. Lembra-nos Lacan, que ‘castração’ é complexo e, que ‘Édipo’ é mito; mito de Sófocles. Então, o que quer dizer mito? – Não é ingenuamente, como se diz, quase sinônimo de mentira ou algo ilusório. Mito está relacionado com uma estruturação, com uma história, especialmente com uma história das origens. Geram-se os mitos, procurando para trás, como para dar conta de uma fabulação chamada exatamente mítica, mitológica – mito das origens, um mito que defende o sujeito da castração, ou seja, que de alguma maneira, o vazio, o buraco da castração é preenchido pelo Édipo. Para Freud saímos do Édipo pela castração. Para Lacan, o Édipo é uma construção mítica por meio da qual nos defendemos da castração. Daí uma grande tarefa, a respeito dessas histórias edipianas, é procurar desfazê-las. Procurar não outorgar mais sentidos, senão procurar desmanchar todas estas histórias.<sup>83</sup>

O que Freud aponta de fundamental sobre o Falo é a oposição entre fálico e castrado. O Falo surge numa dimensão dialética do significante, isto é, de presença-ausência. Não são as diferenças anatômicas entre os sexos que dão ao Falo sua prevalência. Se por um lado é suposto, por outro, nada havia aí, e, se por sua vez há, poderá faltar. O Falo remete à falta, ponto de impossibilidade de satisfazer a demanda de completude. Significante de uma carência, de uma ausência, mas ao mesmo tempo, como significante, tampouco obtura a ausência. O significante, pela impossibilidade de significar a si mesmo, remete a outro

---

<sup>82</sup> HARARI, R. “A Significação do Falo, de Lacan”. Seminário promovido pela Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica. Florianópolis, 27/07/2001. Inédito.

<sup>83</sup> HARARI, R. “A Significação do Falo...”. Inédito.



significante e, assim, organiza as trocas simbólicas das relações entre os sexos.

As trocas simbólicas são exemplos daquilo que Lacan referiu, ligado ao inconsciente, na famosa frase “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”.<sup>84</sup> E, diz respeito àquilo que podemos definir como infantil, sexual e reprimido.

Para Freud, o núcleo do inconsciente consiste em representantes (*Vorstellung*) carregados de desejo. Eles existem lado a lado, no inconsciente, sem se influenciarem mutuamente, estão isentos de contradição. Igualmente, no inconsciente, não há lugar para negação, dúvidas ou quaisquer graus de certeza, nada pode ser encerrado, nada é passado ou está esquecido.<sup>85</sup> Os processos nesse sistema, são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo e não têm qualquer referência ao tempo. Além de dispensarem pouca ou nenhuma atenção à realidade, estão sujeitos ao “princípio do prazer”.<sup>86</sup>

O inconsciente se diferencia do consciente pelos processos descritos por Freud como *processo primário* e *processo secundário*, respectivamente. O primário, caracteriza-se pelo deslocamento das cargas libidinais entre os representantes psíquicos e, pela condensação, onde um representante pode apropriar-se de toda a carga de outros. Assim, os representantes entrelaçados, por força dos processos de condensação e deslocamento de cargas, formam um encadeamento. É neste ponto que, Lacan lê em Freud, o suporte de sua teoria sobre a cadeia significante, suas origens freudianas são claras no que, em a “Interpretação dos Sonhos” Freud descrevia como *vorstellungrepräsentanz*.<sup>87</sup>

Outra característica do inconsciente é sua função lógica, pela qual se contrapõe ao consciente. Lógica que, para Lacan, demonstra “o núcleo de um tempo reversivo, necessário ao (...) efeito de sentido na frase, o qual exige, para se

---

<sup>84</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 11. Op. Cit.* p.25.

<sup>85</sup> FREUD, S. “O inconsciente”. Vol. XIV. *Op.Cit.* p.213.

<sup>86</sup> FREUD, S. “O inconsciente”. Vol. XIV. *Op.Cit.* p.214.

<sup>87</sup> *Vorstellungrepräsentanz* foi traduzido, na edição brasileira das obras de Freud, por “representante da representação”. Freud, S. *A interpretação dos sonhos*. Vol. V. p.522-533.

encerrar, sua última palavra. O *nachträglich* ou posterioridade, segundo a qual o trauma se implica no sintoma, mostra uma estrutura temporal de uma ordem mais elevada.”<sup>88</sup>

Ao contrário do cartesianismo, é o sujeito do conhecimento que a psicanálise vai desqualificar, perguntando pelo sujeito do desejo, sujeito da enunciação. Aponta um sujeito dividido entre o enunciado e a enunciação, assim como em consciente e inconsciente. Rompe-se aí a unidade do sujeito, ao separar-se o dito do dizer e o “eu falo” do “eu sou”. Nesse raciocínio, Lacan opõe-se a Descartes com a inversão da máxima: “Penso onde não sou, e portanto sou onde não penso”.<sup>89</sup> O sujeito do enunciado nada mais é do que aquele que produz o desconhecimento do sujeito da enunciação. Assim, o *cogito*<sup>90</sup> não é o lugar da verdade do sujeito, mas o lugar do seu desconhecimento.

O termo ‘inconsciente’ precedeu, em muito, a Freud. Contudo o uso de uma mesma palavra, em contextos diferentes, não implica que signifiquem a mesma coisa. Podem ser incompatíveis ou mesmo opostos, em contextos diferentes. Tal é o caso deste termo que ficou como marca registrada da psicanálise. O inconsciente freudiano nada tem a ver com ‘os inconscientes’ que lhe foram predecessores.

A leitura, que Lacan fez de Freud, mostra uma nova maneira de pensar o inconsciente. A expressão “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”,<sup>91</sup> conota que ele não é o caos, nem o absurdo impensável, misterioso. Nas chamadas formações do inconsciente: sonhos, esquecimentos, atos-falhos, chistes, Freud encontra o caminho para o inconsciente, através de sua objetivação pela linguagem.

Para Lacan, como já foi citado, o inconsciente é essa parte do discurso concreto enquanto transindividual.<sup>92</sup> Ele buscou da lingüística, em Saussure, o conceito de significante que corresponde à palavra, já que ela remete a mais de uma significação.

---

<sup>88</sup> LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva. p.323.

<sup>89</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 11. Op. cit.* p.134-135.

<sup>90</sup> Considerado aqui como lugar da função do pensamento na consciência.

<sup>91</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 11. Op. cit.* p.25.

<sup>92</sup> LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.123.

As regras estruturais, comuns ao inconsciente e à linguagem, referem-se às figuras de linguagem ou tropos, que são, principalmente, a metáfora e a metonímia, figuras que traduzem a condensação e o deslocamento das cargas psíquicas, respectivamente.

Considerando que as palavras criam o mundo, Lacan situa o ser falante como um “ser simbólico”, atravessado pela linguagem e a ela submetido, de modo que o inconsciente torna-se uma estrutura apreensível no ato da fala.

Lacan também é conhecido por sua releitura radical da obra freudiana, não só a partir da lingüística, mas também, da filosofia, antropologia, matemática, lógica e, com um caráter especial para a psicanálise, da topologia.

## OS SONHOS E A INTERPRETAÇÃO

*Quando o trabalho de interpretação  
se conclui, percebemos que o sonho  
é a realização de um desejo.*

Freud

Depois dessa tentativa de situar brevemente a psicanálise, cabe entrarmos nos tópicos aos quais a interpretação está diretamente ligada. Inicialmente, o termo interpretação, como conceito, apareceu em Freud, ligado aos sonhos. Essa ligação mostra, no meu entender, o primeiro modelo freudiano de interpretação, baseado nas características dos sonhos, aos quais ele classificava de via real para o inconsciente.

Freud, no início do século XX, lança *A Interpretação dos Sonhos*, tomando-os como o caminho mais direto para o alcance do inconsciente. Chamou esta atividade de “via real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes”,<sup>93</sup> pelas características de o sonho acontecer em estado de sono, de apresentar-se condensado, deformado, dramatizado, além de representar a chamada realização alucinatória de desejos.<sup>94</sup>

A pergunta ‘por que sonhos’, foi respondida pelo pai da psicanálise, ligando-os à interpretação: “Um dia descobriu-se que os sintomas (...) neuróticos têm

---

<sup>93</sup> FREUD, S. “A interpretação dos sonhos”. Vol. V. *Op. Cit.* p.647.

um sentido. Nessa descoberta fundamentou-se o método psicanalítico de tratamento. Acontecia que no decurso desse tratamento os pacientes, em vez de apresentar seus sintomas, apresentavam sonhos. Com isso, surgiu a suspeita de que também os sonhos teriam um sentido”.<sup>95</sup> A possibilidade de interpretação os coloca como tendo sentido. Por exemplo, um estudante sonolento foi acordado e informado que era hora de ir para o seu trabalho num hospital, passou a sonhar que estava na cama do hospital e continuou a dormir, sob o pretexto de que assim, não havia mais necessidade de se levantar e ir até lá. Esse exemplo revela um dos aspectos gerais dos sonhos: de que os sonhos são, em certo sentido, sonhos de conveniência, servem à finalidade de preservar o sono, são guardiães do sono e não seus perturbadores. São isolados da vida de vigília com seus prazeres e sofrimentos, eles isolam-nos dela. O sonho representa a realidade por símbolos.<sup>96</sup> Assim, o conteúdo de um sonho é uma reprodução ou lembrança da vigília, embora, essa ligação entre o sonho e a realidade não vem à luz facilmente. Um fator dessa dificuldade é que eles têm uma memória muito aumentada, são chamados, por isso, de hipermnésicos. Embora essa memória nos traga, não os fatos mais excitantes ou importantes, mas os fragmentos sem valor. Há um caráter de pura subjetividade, que faz dos sonhos, um objeto de investigação insegura. Primeiro que os sonhos propriamente ditos são inatingíveis e estão irremediavelmente perdidos. somente o seu relato pode ser objeto de investigação. Seu relato sempre pode ter sido alterado, acrescido para compensar algum esquecimento ou sua obscuridade, por exemplo.

Esses motivos fazem com que os sonhos sofram a reprovação geral de não serem científicos ou serem indignos de análise por profissionais. Por isso mesmo, vale a pergunta sobre sua validade como base para a prática analítica.

A indefinição e a imprecisão são características dos sonhos. Contudo, a questão da importância ser diminuída, é apenas aparente, dado que as “pequenas coisas” são as realmente reveladoras. Assim como nos atos-falhos, chistes e

---

<sup>94</sup> FREUD, S. “Conferências introdutórias sobre psicanálise”. Vol. XV. *Op.Cit.* p.251.

<sup>95</sup> FREUD, S. “Conferências...”. Vol. XV. *Op.Cit.* p.105.

<sup>96</sup> FREUD, S. “Conferências...”. Vol. XV. *Op.Cit.* p.7 e 10.

sintomas que só mostram fragmentos ou alusões, também os sonhos revelam pequenos indícios. São indícios pequenos, mas não são indícios de coisas pequenas.

Ao dormir, nos despimos tanto das roupas como dos suplementos que nos compensam deficiências, como óculos, aparelhos postiços e adereços. De modo análogo, despimo-nos mentalmente e reativamos a situação intra-uterina, atendendo as condições de repouso, calor, exclusão de estímulos. Há uma retirada de libido do mundo quase completa, numa regressão ao narcisismo primário. Ao dormir, o eu tenta reabsorver os investimentos que fez fora de si, mas só o atinge parcialmente. O reprimido não dorme, e quanto mais intenso se mostrar, mais instável será o sono. Seu extremo se mostra na desistência de dormir, diante do insucesso nas tentativas de inibir tais moções pulsionais reprimidas.

Freud define o sonho como produto da elaboração onírica, isto é, a forma como os chamados pensamentos oníricos latentes foram transmutados em sonho manifesto, através da condensação, deslocamento, deformação, em função da realização alucinatória de desejo.<sup>97</sup>

Os produtos oníricos, são, na teoria freudiana, comunicações da pessoa que sonha, contudo comunicações que não nos dizem nada, não os compreendemos. Daí que precisamos de um método para investigar os sonhos.

Partindo da premissa de que os sonhos são fenômenos psíquicos e comunicações do sonhador, precisamos perguntar, como se faz a cada vez que não se entende o que nos comunicam. A psicanálise segue a técnica de fazer com que os próprios analisantes, tanto quanto possível, proporcionem a solução de seus próprios enigmas. Assim é o sonhador quem deve dizer o que o sonho significa; acontece que ele alega nada saber a respeito. Ora, pela teoria da repressão, se pode dizer que, ele apenas não sabe que sabe e, portanto, pensa que não sabe. Isso foi mostrado, no campo da hipnose, por Bernheim, em 1889, quando um homem hipnotizado passa por diversas experiências. Depois, quando despertado,

---

<sup>97</sup> FREUD, S. “Conferências...”. Vol. XV. *Op.Cit.* p.218 e Vol. XVIII, p.251.

de início parecia nada saber sobre o que se passou enquanto hipnotizado. Bernheim o pressiona, insiste que deve saber. O homem vai refletindo e, aos poucos, lembra de uma a uma, as experiências. Como não foi informado e também não poderia lembrar do que não sabia, conclui-se que sabia todo o tempo, como no sonho. No sonhador também está presente o conhecimento, embora inacessível, a ponto de não acreditar nele.

A questão do método é como tornar possível ao sonhador descobrir o conhecimento que tem, como interpretar.

Aqui, a técnica da psicanálise, a associação livre, merece considerações. Ela baseia-se na premissa freudiana de que não há descontinuidade na vida psíquica. Ele mesmo a explana da seguinte maneira. Não é simples arbitrariedade supor que a primeira coisa que ocorre ao sonhador deva nos revelar o que estamos procurando. O que vem à mente não poderia ser qualquer outra coisa. Quem não pense assim estará acalentando uma fé profundamente arraigada, em acontecimentos psíquicos não-determinados e no livre-arbítrio. Isso é anticientífico, há que respeitar o que lhe veio à mente, com suas especificidades. Essa aparente escolha, não aconteceu sem relação com aquilo que procurávamos. Ao pedir a alguém para dizer o que lhe passa, em resposta a um determinado elemento do sonho, estamos pedindo que se entregue à associação livre, enquanto mantém uma idéia como ponto de partida. Isso implica uma atitude da atenção, diferente da reflexão, e que a exclui.<sup>98</sup> Quando o sujeito associa, não há liberdade, há determinismo psíquico, em virtude de atitudes internas desconhecidas no momento. Neste caso, apesar de uma escolha aparentemente casual, é impossível pensar em algo ao acaso. Essa acaso logo se revela determinado pelas circunstâncias imediatas como as características do sujeito em questão e sua situação no momento.<sup>99</sup>

A identificação com o conteúdo procurado não só mostra a estreita relação com a idéia inicial, mas também com um grupo de idéias. Esse grupo de

---

<sup>98</sup> FREUD, S. "Conferências...". Vol. XV. *Op.Cit.* p.131/2.

<sup>99</sup> FREUD, S. "Conferências...". Vol. XV. *Op.Cit.* p.133.

idéias são os chamados representantes entrelaçados ou cadeia de representantes, que com Lacan, chamou-se de cadeia significante.

É possível prosseguir, a partir de uma associação (substituto), ao longo da cadeia de associações, ligadas a ela, até chegar ao elemento reprimido, tanto nos sonhos como nos atos-falhos. Este deve ser o caminho do trabalho da interpretação, caminho inverso ao do trabalho da elaboração onírica. Esse trabalho é o responsável pela transformação do sonho latente em sonho manifesto e, este por sua vez, é substituto de elementos inacessíveis ao sonhador.

Podemos fazer uma descrição comparativa entre sonho e ato-falho.

No ato-falho temos uma conciliação resultante de uma intenção perturbadora e uma intenção perturbada.

Ato-falho (tomando um exemplo verbal)

Intenção perturbadora: desejo de dizer o que se pensa.

Intenção perturbada: necessidade de dizer o que se espera.

Conciliação: diz-se com uma terceira 'palavra', as duas coisas ao mesmo tempo. Fato bizarro que caracteriza o ato-falho.

Sonho (segue o mesmo modelo)

Intenção perturbadora: estímulo psíquico que pressiona por satisfação

Intenção perturbada: de dormir

Conciliação: satisfação alucinatória do desejo e conseqüente manutenção do sono.

Nos dois casos, ambas as intenções são, em parte, cumpridas e, em parte, abandonadas.

O conteúdo manifesto é constituinte do latente, embora sendo dele, apenas uma pequena parte, fato este que mostra a ocorrência de uma condensação da grande e complexa estrutura dos pensamentos oníricos, como um fragmento, uma alusão, uma manchete ou uma abreviação estilo telegráfica. Freud identificou nesse trabalho da elaboração onírica os dois modos de funcionamento do inconsciente, ou seja, a condensação e o deslocamento, que juntos caracterizam o



chamado processo primário.

Uma imagem em palavras ou ao contrário, uma idéia em imagem plástica, é assim que o sonho se constitui. Trata-se de um retrato plástico dos pensamentos oníricos, ao qual Freud chamou 'rébus', como numa escrita ideográfica, em que a ligação pictórica dos grafemas com a realidade é abstrata ou estabelecida por uma convenção. Tanto que sua interpretação exige que se façam substituições, dado que as figuras estariam no lugar de palavras. A deformação onírica transforma idéia em imagem e, quando contamos o sonho, há uma segunda deformação, transformação de imagens em palavras.

O sonho equivale a um manejo do estímulo, de forma que mantenha o sono, ele é seu guardião.

Desde o elemento manifesto até o latente, abrir caminho no trabalho de associação livre, sempre faz com que deparemos com a resistência. O que encontramos sob a forma de resistência no trabalho da interpretação, na elaboração onírica é a efetivação da censura dos sonhos. Seu propósito é atacar as tendências repreensíveis, repulsivas do ponto de vista ético, estético e moral ou social do sonhador. Assuntos nos quais a pessoa não consegue pensar ou só o faz com muito esforço e com aversão. Os desejos daí oriundos são censurados e recebem uma expressão deformada nos sonhos, como manifestação de um egoísmo desenfreado e impiedoso.

Ao dormir, o eu (ego) mais ou menos liberto de seus compromissos éticos, estéticos e morais, dado que estes pertencem a sua relação com o mundo externo, dá vazão ao prazer; a libido dirige-se aos desejos condenados quando desperto. Escolhe, sem inibição, seus objetos, e por isso mesmo, de preferência, os proibidos como as mulheres de outros e vice-versa, mas também objetos incestuosos, considerados sagrados pela cultura em que vive, por exemplo, a mãe e irmã de um homem, pai e irmão de uma mulher, etc. Igualmente, surgem ódios, desejos de vingança e morte contra aqueles que, em geral nos são mais caros: pais, filhos, irmãos, maridos, esposas.

Interpretados, esses desejos parecem ter vindo de um inferno, o sonhador os rejeita e refere que os desconhece.



## A METÁFORA

*Por ora atentemos a esta metáfora  
tópica: o sujeito está descentrado  
com respeito ao indivíduo. Eu é  
outro, quer dizer isso.*

Lacan

A elaboração onírica, através dos processos descritos por Freud, de condensação e deslocamento que levam à abreviação e criam substitutos, deram lugar a que Lacan, expressasse a idéia de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Na linguagem, a metáfora é fundada nas relações de similaridade, através de substituição. Consiste, de acordo com Joël Dor, em designar alguma coisa por meio do nome de outra, ou seja, uma substituição significativa.<sup>100</sup> Ela mostra que os significados devem sua coerência à rede de significantes e seu caráter de substituição mostra a autonomia do significante em relação ao significado. Foi nesse caminho que se estabeleceu uma identificação entre a condensação e a metáfora e entre o deslocamento e a metonímia.

A primeira realização da elaboração onírica é a condensação porque, por exemplo, o sonho manifesto é muito menor que o latente. Ela se dá pela omissão de determinados elementos; pela manutenção de alguns fragmentos do

---

<sup>100</sup> DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p.43.

latente no manifesto; pela combinação e fusão de elementos que tenham algo em comum. A condensação estabelece uma relação complexa entre o latente e o manifesto, seja no sonho, no ato-falho, no chiste ou no sintoma. Um elemento manifesto pode corresponder simultaneamente a diversos elementos latentes, mas também, o contrário: um elemento latente corresponder a diversos manifestos. Não se trata de uma relação palavra-por-palavra, sinal-por-sinal, nem uma solução representativa, na qual um elemento possa invariavelmente tomar o lugar de vários. Essas manobras têm seu modelo de constituição na sintaxe metafórica.

Um exemplo dessa metaforização, além dos estudos da linguagem e da lingüística, nos é fornecido por Lacan, referindo que “a erotização de tal ou qual órgão é a metáfora que mais freqüentemente aparece, devido à sensação que induz em nós a ordem dos fenômenos que se acha em jogo nos fenômenos psicossomáticos.”<sup>101</sup> O sintoma, em síntese, é uma significação. Ele se produz ao nível da significação, vindo do outro, do lugar da fala.<sup>102</sup> Pela via freudiana, ele também nunca é simples, mas sobredeterminado, ou seja, traz, no seu bojo, a marca da condensação, da metáfora. O sintoma é uma metáfora, assim como o desejo é uma metonímia.<sup>103</sup>

O conceito de metáfora começa em Freud, sem que ele a identifique assim, sem que a ligue com a condensação pela palavra. “Freud não dispunha ainda da noção do suporte material da palavra. Hoje, teria tomado, como elemento de sua metáfora, a sucessão de fonemas que compõem uma parte do discurso do sujeito.”<sup>104</sup> Mesmo assim, foi capaz de deixar claro, o ponto que a leitura que Lacan realizou, pudesse resgatar este sentido, mostrando assim o parentesco linguageiro do inconsciente. Não há necessidade de falar de uma realidade que sustentaria os empregos metafóricos, pois eles são, em certa medida, sempre metafóricos.<sup>105</sup>

A metáfora supõe que uma significação seja o dado dominante, que

---

<sup>101</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.126

<sup>102</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.477.

<sup>103</sup> LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.259.

<sup>104</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p.33.

comande o uso do significante, de forma que toda conexão lexical pré-estabelecida fique desatada, isto é, a significação arranca o significante de suas conexões lexicais. É a ambigüidade do significante e do significado. É porque há uma sintaxe, uma ordem primordial do significante, que o sujeito mantém distância de seus atributos, como diferente deles.<sup>106</sup>

Lacan faz uma pergunta retórica, mas nem por isso menos interessante, a partir das propriedades do significante e do significado. O lingüista cai na tentação de considerar que a parte mais aparente do fenômeno é a que lhe dá a configuração. Daí eles darem mais destaque ao estudo da metáfora do que da metonímia. Talvez por ser surpreendente e problemático que a linguagem tenha seu ponto máximo de eficácia quando consegue dizer alguma coisa, dizendo outra.<sup>107</sup>

A metáfora perpassa quase toda a obra de Lacan, em seus conceitos de metáfora do sujeito, que está descentrado em relação ao indivíduo; metáfora do amor, este mesmo como substituto, dado que o objeto é outra coisa; metáfora paterna, constituinte do sujeito, etc.

Na sua insistente consideração de que a metáfora não tem por princípio a significação, mas a substituição significante, Lacan cita a frase: *o amor é um calhau rindo ao sol*. Depois se pergunta o que quer dizer isso, senão uma metáfora, que se surgiu é porque comporta algum sentido, e, que é uma incontestável definição do amor; claro que metafórica.<sup>108</sup>

---

<sup>105</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos...* Op.Cit. p.270.

<sup>106</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.249.

<sup>107</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 3. As psicoses*. Op.Cit. p.255.

<sup>108</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 3. As psicoses*. Op.Cit. p.257-8.

## A METONÍMIA

*De maneira geral, o que Freud chama de condensação, em retórica se chama metáfora; o que chama deslocamento, é a metonímia.*

Lacan

A segunda realização da elaboração onírica é o deslocamento. O que é deslocado é o acento psíquico, por assim dizer, a importância do que está sendo tratado.

Há duas maneiras de acontecer este processo de deslocamento: por uma alusão e por um deslocamento do acento psíquico.

O deslocamento é obra da censura e, em sua primeira modalidade de ocorrência, a alusão é realizado com referência a algo remoto, de modo que a ponte que possibilite o caminho de volta, seja difícil de ser construída. No pensamento desperto também usamos alusões, só que o substituto deve ser relacionado ao tema, de modo a que se possa refazer com facilidade o substituído.

Já o deslocamento do acento psíquico aparece, nos sonhos, de maneira ininteligível e, quando desfeitos, sua interpretação dá a impressão de algo aleatório ou forçado. Isto acontece porque é este mesmo o fim da censura: tornar impossível o caminho de volta desde a alusão até a coisa original. No pensamento consciente, isso é claro em alguns exemplos de anedotas. Esse alheamento é o que aparece na seguinte: “Numa aldeia havia um ferreiro que cometera um crime capital. O júri

decidiu que o crime devia ser punido; porém, como o ferreiro era o único na aldeia e era indispensável, e como, por outro lado, lá viviam três alfaiates, um destes foi enforcado em seu lugar”.<sup>109</sup>

Com Lacan, podemos dizer que a forma retórica que se opõe à metáfora se chama metonímia. Designa a substituição de algo que se trata de nomear. Nomeamos uma coisa mediante outra, que é seu continente, ou uma parte dela ou que está em conexão com ela. A estruturação lexical do aparato significante é determinante nos fenômenos da neurose, pois o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido. O significante, dessa forma, nos leva de volta para a descoberta freudiana. A oposição entre significante e significado não é um substituto nem equivale à oposição entre a idéia e a palavra.<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> FREUD, S. “Conferências introdutórias sobre psicanálise”. Vol. XV. Op.Cit. p.208.

<sup>110</sup> LACAN, J. Seminário 3. As psicoses. Op.Cit. p.253.

## OS CHISTES E A INTERPRETAÇÃO

*As palavras são um material plástico,  
que se presta a todo tipo de coisas.  
Há palavras que, usadas em certas  
conexões, perdem todo o seu sentido  
original, mas o recuperam em outras.*

Freud

Em 1905, Freud toma os chistes como o modelo da interpretação psicanalítica. Enfatiza o contraste de idéias, envolvido nos chistes, e chega a citar que se trata de “um contraste ou contradição entre o sentido e a falta de sentido das palavras”.<sup>111</sup> Além disso, a característica da brevidade dos chistes é modelar para a interpretação, pois um chiste diz, “nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas demais (...) do ponto de vista da estrita lógica...”.<sup>112</sup> Esse modelo de interpretação considera algumas características da intervenção psicanalítica, quais sejam: deve ser uma ocorrência involuntária, a partir de um relaxamento da tensão intelectual que, como o chiste, brota de repente.<sup>113</sup> A brevidade, por condensação, a distingue de um discurso longo e explicativo. A alusão impede o despertar do interesse consciente, o qual, como nos chistes, impede o seu efeito. Outra característica é o fato da surpresa, da novidade, e, por fim a aparência de disparate, tão comum nas piadas.

No que se refere ao conceito de inconsciente, Freud é bastante claro ao

---

<sup>111</sup> FREUD, S. “Os chistes...” Vol. VIII. Op.Cit. p.24.

<sup>112</sup> FREUD, S. “Os chistes...” Vol. VIII. Op.Cit. p.26.



estabelecer suas peculiaridades. Primeiro, ao distanciá-lo da biologia, postulando que não se trata de um lugar anatômico, mas, psíquico.<sup>114</sup> Não se trata meramente de uma descrição reducionista de que o inconsciente é o que está fora do campo da consciência. O inconsciente freudiano diz respeito àquilo que podemos definir como infantil, sexual e reprimido.

A partir de então, a psicanálise passa a ter, nos chistes, o seu modelo de interpretação. Freud o considera “a mais social e menos privada” das formações do inconsciente e apresenta a técnica do chiste como a técnica do inconsciente.<sup>115</sup> Resulta que, a técnica da interpretação deveria seguir os mesmos parâmetros, posto que “a elaboração do chiste opera tal qual a elaboração do sonho.”<sup>116</sup> A partir disso, numa pergunta retórica, indica Roberto Harari, que “se o saber não-sabido de um analisante se encontra estruturado como um chiste, porque não haveria de estar também a interpretação que a ele aponta?”<sup>117</sup> Pois, os chistes, freqüentemente substituem, pelo *nonsense*, o ridículo e a crítica, tal como a elaboração do sonho.

A partir da década de 70, principalmente no final do *Seminário 24*,<sup>118</sup> Lacan considera a interpretação de outra forma. Sua modelação à “tradução” ou “decodificação”, começa a ser questionada, posto que, dessa forma, a interpretação estaria muito perto da descoberta de sentidos, ou seja, das chamadas psicologias de “almanaque”, as quais podem encontrar um decodificador em qualquer um que conheça o “almanaque”. É no resgate do sentido da obra de Freud, que Lacan relembra sua própria teorização: “o inconsciente é um conceito forjado sobre o rastro do que opera para constituir o sujeito”.<sup>119</sup> A psicanálise é, para ele, “...uma estafa que cai justo em relação ao que é significativo, ou seja, algo muito especial, que tem efeitos de sentido”.<sup>120</sup> E, que a poesia também se funda nesta mesma ambigüidade, resultante da relação entre significante e significado, pois “se a língua é fruto de uma maturação que se cristaliza no uso, a poesia resulta de uma

---

<sup>113</sup> HARARI, R. Discorrer a psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1987. p.203.

<sup>114</sup> FREUD, S. “O inconsciente”. Vol. XIV. Op.Cit. p.201.

<sup>115</sup> FREUD, S. “Os Chistes...” Vol. VIII. Op.Cit. p.183-6.

<sup>116</sup> FREUD, S. “Os Chistes...” Vol. VIII. Op.Cit. p.127.

<sup>117</sup> HARARI, R. Discorrer... Op.Cit. p.198.

<sup>118</sup> LACAN, J. O Seminário. Livro 24. L’insu... Classes a partir de 15/03/77. Inédito.

<sup>119</sup> LACAN, J. “Posição do Inconsciente...”. In: Escritos. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 314.

violência feita a este uso”.<sup>121</sup>

Sobre essas considerações à linguagem, Lacan vai defini-la psicanaliticamente como “o que se tenta saber concernentemente à função da *alíngua*. A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua. É uma elucubração de saber sobre alíngua”.<sup>122</sup> E, o inconsciente, “um saber-fazer com alíngua”.<sup>123</sup> A “alíngua nos afeta primeiro por tudo o que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de alíngua, que já estão lá, como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar”.<sup>124</sup>

Alíngua (em francês *lalangue*), escrita como uma palavra, é a língua que Lacan chama de materna, em contraposição ao sentido lexical de ‘língua materna’. É transmitida pela mãe, enquanto Outro primordial e de maneira muito especial, ao seu pequeno *infans*, que é falado antes de falar. Assim importa o som que se impõe sobre o sentido, de modo que o neologismo é uma de suas características. Lacan a coloca como condição fundante para qualquer língua (idioma) embora ela não se caracterize como código. Tal lalação, podemos encontrar objetivamente manifestada nos chistes, que também optam, com frequência, pela construção de palavras novas, trocas de letras, de sílabas, de sons, de nomes.

Essas considerações a respeito da linguagem, remetem finalmente à questão do desejo, mola propulsora da vida, e questão fundamental na psicanálise, inicialmente nas suas relações com a necessidade e, finalmente, como expressão mais genuína do ser-falante. Embora questão curiosa, interessante e fundamental, não constitui o alvo do presente trabalho.

---

<sup>120</sup> LACAN, J. O Seminário. Livro 24. L’insu... Classe de 15/03/77. Inédito.

<sup>121</sup> LACAN, J. O Seminário. Livro 24. L’insu... Classe de 15/03/77. Inédito.

<sup>122</sup> LACAN, J. O Seminário. Livro 20. *Mais, ainda*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.189/190.

<sup>123</sup> LACAN, J. O Seminário. Livro 20. *Mais, ainda*. Op.Cit. p.190.

<sup>124</sup> LACAN, J. O Seminário. Livro 20. *Mais, ainda*. Op.Cit. p.190.

## A CONSTRUÇÃO

*O homem não é tão ferido pelo que acontece, e sim por sua opinião sobre o que acontece.*

Montaigne

O termo construção também apresenta sua dose de polissemia. Podemos encontrar nele a referência à construção teórica, por exemplo. Em psicanálise, ela constitui mais uma das intervenções que andam de mãos dadas com a interpretação.

A construção simbólica, descrita por Freud desde os seus primeiros descobrimentos sobre o sistema nervoso, na medida em que são aplicáveis a sua experiência clínica, deixa entrever o que pode ser chamado alcance metafísico de sua obra. Na descrição de Lacan, o que o sujeito faz tem um sentido, ele fala através de seu comportamento e de seus sintomas.<sup>125</sup>

Se a teoria é uma construção, e não somente a teoria psicanalítica, mas qualquer teoria, então consideremos isso. Freud já advertira que as ciências devam iniciar com conceitos imprecisos, sem enclausurá-los em definições. Sua preocupação com uma impossibilidade de metaforização é antiga. Não existe ciência completa, esta vive enquanto supera erros.<sup>126</sup> Além disso, se a verdade tem, para Lacan, estrutura de ficção é porque não se pode dizê-la toda, sempre há algo

---

<sup>125</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 2. O eu na....Op.Cit.* p.174-5.

mais, além do que o campo do simbólico possa alcançar.

O interesse, o desejo, a apetência que prende o sujeito em uma significação que tenta correlacioná-lo ao objeto. Daí que, para Lacan, surge assim a construção da teoria das pulsões, cimento sobre o qual se apóia o descobrimento psicanalítico. Há aí um mundo, quase um labirinto relacional que supõe tantas bifurcações, comunicações e retornos que nos perdemos nele, visivelmente no nosso manejo cotidiano das significações.<sup>127</sup>

O uso em psicanálise deste termo, está ligado a muitas coisas, como a construção do sintoma, a construção do objeto, a construção do fantasma, construção simbólica, construção mítica, etc.

A construção, em psicanálise, bem como a interpretação não visam buscar a verdade enquanto algo absoluto. É bem verdade que Freud, em seus inícios tenha tentado verificar a veracidade dos fatos, relatados pelos seus analisantes, com seus familiares, por exemplo. Mas, logo tal tentativa mostrou-se desnecessária e improdutiva, sendo portanto abandonada, posto que os sintomas não estão diretamente relacionados com os fatos reais, mas sim com as fantasias, essa realidade psíquica que tem maior importância que a realidade material.<sup>128</sup>

A verdade, em psicanálise, podemos pensá-la desde Freud, com relação à realidade. Dizia Freud, que nos importa, enquanto analistas, a realidade psíquica, interna. No capítulo VII, de sua *Interpretação dos Sonhos*, ele diz que “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” e que nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo. Em *Totem e Tabu*, afirma que os neuróticos preferem a realidade psíquica à concreta. Depois, em seu artigo “O caminho da formação dos sintomas”, aparece que “as fantasias têm realidade psíquica, em contraste com a realidade material” e que é ela a realidade decisiva.

Em Lacan, a verdade tem estrutura de ficção, é muito diferente da realidade e não podemos alcançá-la, a não ser por pedaços; está relacionada ao Real. A verdade, segundo ele, tem limite por um lado, por isso é um semi-dizer mas,

---

<sup>126</sup> EIKHENBAUM. *História da Literatura - Formalistas Russos*. Porto alegre, Globo: 1976. 2°.

<sup>127</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 3. As psicoses. Op.Cit.* p.224.

<sup>128</sup> FREUD, S. "Um estudo Autobiográfico". Vol. XX. *Op.Cit.* p.48.

por outro, é aberta e assim também o saber inconsciente é aberto.<sup>129</sup>

Consideremos mais diretamente, o que interessa ao nosso propósito, ou seja a construção como um tipo de intervenção do analista.

Pode parecer estranho que algo tão fundamental como a construção, não tenha sido apontado antes, mas porque se trata de algo auto-evidente, nos adverte o pai da psicanálise. A pessoa que está se analisando tem de recordar algo experimentado, mas reprimido. O analista, que não reprimiu nada do material que está sendo tratado, deve então, completar as partes esquecidas, a partir do que foi deixado para trás, ou seja deve construí-lo.<sup>130</sup>

---

<sup>129</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 21. Lês non-dupes errent*. Clase del 15/01/1971. Inédito.

<sup>130</sup> FREUD, S. “Construções em análise”. Vol. XXIII. *Op.Cit.* p.293.

## A INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

*Se, apesar de tudo, os homens não conseguem fazer com que a história tenha significado, eles podem sempre agir de uma maneira que faça suas vidas terem um.*

Albert Camus

Assim como um arqueólogo ergue as paredes, a partir dos alicerces que não foram destruídos, ou a partir do telhado para baixo, em suas escavações, o analista procede quando extrai inferências a partir do material esquecido que se revela por fragmentos. E escavador lida com objetos que foram destruídos ou danificados, de forma que nenhum outro caminho lhe é possível, senão o da reconstrução, que por essa razão só pode atingir certo grau de probabilidade.

Com o objeto psíquico, todos os elementos essenciais estão preservados de alguma maneira, o que, segundo Freud, parece uma vantagem sobre a arqueologia. No entanto, os objetos psíquicos são incomparavelmente mais complexos. Se para o arqueólogo a reconstrução é o objetivo, para o psicanalista a construção é apenas o início.

Respondendo a crítica, na qual 'se o paciente responde à intervenção do analista com um não é porque resiste a ela; e se responde com um sim é porque ela está correta', Freud fala de que o perigo de desencaminharmos um paciente por um erro eventual foi exagerado. Há inclusive a possibilidade de fismos, com uma

falsa isca, uma carpa de verdade.<sup>131</sup> Se não se pode aceitar o não de um analisante, apenas pelo seu valor nominal, tampouco um 'sim'. Também seu silêncio pode indicar que sua reação está sendo apenas adiada, porém, se não se desenvolve nada mais em seu discurso, podemos concluir que cometemos um equívoco.

Um simples sim pode também não passar de um uso hipócrita da resistência para fins de prolongamento de algum ocultamento. O 'sim' só possui valor se seguido por confirmações indiretas, como produções de lembranças que ampliem a construção. O 'não' é igualmente ambíguo e só raramente expressa uma dissensão legítima. Com freqüência expressa resistência. Como uma construção sempre é fragmento, pode-se supor que o discutido não seja pelo que foi dito, mas pela parte que ainda não o foi.

A única forma de obtermos alguma segurança sobre a correção de uma construção é por via indireta, por expressões do tipo: "nunca pensei isso (ou nisso)". Essa fórmula é mais freqüente com relação às interpretações do que às construções, estas têm sua confirmação de modo ainda mais indireto, com associações semelhantes ao material da construção, ou através de algum ato falho. Freud exemplifica de maneira precisa, por uma situação em que dizia ao paciente que ele considerava alguns honorários muito altos. O paciente pretende negar com a resposta de que "tantos dólares não são nada para mim", só que fala xelins, moeda de valor inferior e, assim confirma o que pretendia negar.

Nas alucinações, algo que foi experimentado e esquecido, na infância, retorna, força seu caminho à consciência, de modo deslocado e deformado devido às forças que se opõem a esse retorno. Assim, a psicopatologia apresenta, diz Freud, não apenas método, mas se mostra como um fragmento de verdade histórica.<sup>132</sup>

Disso se depreende que valeria a pena abandonar qualquer tentativa em direção a pensar o erro do delírio com relação à realidade. Reconhecendo o

---

<sup>131</sup> FREUD, S. "Construções em análise". Vol. XXIII. *Op.Cit.* p.296.

<sup>132</sup> FREUD, S. "Construções em análise". Vol. XXIII. *Op.Cit.* p.302.

fragmento de verdade histórica e as deformações e ligações com o presente, podemos tentar conduzi-lo de volta ao ponto a que pertence. Não é à toa que se diz que uma análise faz esquecer, produz esquecimento.



## A DIREÇÃO DA CURA

*Não há outra resistência à análise  
senão a do próprio analista.*

Lacan

Lacan começa seu artigo de mesmo nome deste sub-capítulo, referindo que o analista é quem deve dirigir a cura<sup>133</sup> psicanalítica, evitando o que os efeitos da sua pessoa possam provocar, o que por sua vez, poderia muito facilmente desencaminhar para uma reeducação do paciente. Ele denuncia nisso o que a psicanálise pode ter de antifreudiana, “guardando da doutrina de Freud apenas o suficiente para sentir o quanto lhe é dissonante”.<sup>134</sup>

Se cabe ao analista dirigir a cura não o cabe a direção do paciente. Isso implicaria num aconselhamento que nada tem de psicanalítico. Mas pior do que isso, tem de narcísico, já que alguém só poderia dar conselhos na medida em que se colocasse no lugar de quem sabe. Assim, poderíamos pensar numa postura de quem tem o que dar ao outro, de quem sabe o que deve ser feito, sabe o que é melhor, etc., coisas que claramente não se sustentam, senão que conotam um

---

<sup>133</sup> O termo “cura” é usado aqui, como uma das possibilidades. Em outras traduções há a escolha do termo tratamento. Como ambos apresentam problemas, dado que é discutível dizer que a psicanálise é um tratamento e já que, nos meios psicanalíticos de discussão como a ‘Reunião Lacanoamericana de Psicanálise de Recife’ (em 07/2001) e a ‘Convergência, movimento lacaniano para a psicanálise freudiana’, ficou mais ou menos estabelecido o termo cura, ele foi o escolhido. Por exemplo, nos *Escritos* de Lacan, editados pela Perspectiva, aparece o termo cura, mas na edição da Jorge Zahar já aparece o termo tratamento.

<sup>134</sup> LACAN, J. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.592.

discurso narcísico.

A regra fundamental da associação livre, sabemos que não é livre, pois depende das resistências, tenta ser livre delas. Contudo, é bem provável que o ‘livre’ se refira a esse ponto, no qual, o analista deva dirigir a cura tão somente. A associação livre é da mesma ordem da interpretação, porquanto inclui o pedido de que o analisante fale sem restrições nem críticas de quaisquer espécies. Assim falando, ele também está autorizado a dizer besteiras, perder o fio da meada, falar do que não sabe ou não conhece. Feito isso, o analista, ao classificar, censurar, aprovar, elogiar, escolher o “principal”, o “mais importante”, estará, por seu lado, estragando o trabalho que pediu ao paciente para realizar; trocando uma censura pela outra: a censura do analisante pela do analista. Novamente estaríamos no campo do narcisismo, já que não há motivo para pensarmos que as censuras do analista sejam mais adequadas para uma análise do que as do paciente.

No mesmo artigo citado, Lacan afirma que o analista deve “pagar com palavras”, “mas pagar também com sua pessoa”, emprestando-a como suporte aos fenômenos da transferência. Seria pretensão achar que o analista cure mais pelo que é do que pelo que diz, “ele é tão menos seguro de sua ação quanto mais está interessado no seu ser”.<sup>135</sup> Os sentimentos do analista não têm lugar nesse jogo, ele faria melhor situando-se em sua falta-em-ser do que em seu ser.

Do lado do analisante, a interpretação é recebida como proveniente de quem a transferência lhe imputa ser, o que Lacan chama de um erro de pessoa que deve ser interpretado. Caso contrário, a análise não passa de uma sugestão grosseira.

---

<sup>135</sup> LACAN, J. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.593/4.

## O ATO ANALÍTICO

*O ato psicanalítico designa uma forma, uma envoltura, uma estrutura tal que de algum modo suspende tudo o que está instituído até agora, formulado, produzido como estatuto do ato, em sua própria lei.*

Lacan

A função do ato psicanalítico, enquanto fazer, implica profundamente o sujeito. Graças a essa dimensão que se chama o inconsciente, o sujeito, em psicanálise, é posto em ato. Do mesmo modo que a transferência é a realidade do inconsciente posta em ato.<sup>136</sup>

Mais que Freud, é Lacan que aborda a questão do ato analítico. Inicia seu seminário sobre o tema, se perguntando sobre o que é o ato, se é ação, mas já que não o é, teria implicado nela, algo do ato. Também, questiona se seria a interpretação ou o silêncio.

Há muitas questões que envolvem a noção de ato analítico, por exemplo, o horror do ato, horror este, que o analista teria (e tem) de intervir 'em ato'. O ato, enquanto envolve o sujeito, enquanto maneira de se confrontar com a transferência, é da ordem do significante. Ele não está incluído naquilo que se poderia chamar da 'eficácia de um fazer', não inclui também uma teoria da técnica, nem constitui uma regra. Para uma regra, em geral, se tem expectativas de resultados mais ou menos

---

<sup>136</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 15. El acto psicoanalítico*. Clase del 15/11/1967. Inédito.

seguros, mais ou menos comuns, ou esperados.

Enquanto realidade do inconsciente, a transferência põe em ato a sexualidade, mas também a morte, como representante da castração, da finitude do ser sexuado.

Desde essas perspectivas ele tem mais alcance no real do que no simbólico, e é uma aposta, visto que não se sabe o que vai provocar. Não há script, nem código anterior, como era o caso na interpretação.

## O SILÊNCIO

*Não se preocupe em entender, viver  
ultrapassa qualquer entendimento.*

Clarice Lispector

*O silêncio é um dos argumentos  
mais difíceis de refutar.*

Josh Billings

As intervenções do analista podem ser de muitos modos, uma delas é o silêncio. Mas também o silêncio traz à tona a questão da não dialogicidade de uma análise.

Uma análise se faz por palavras, o analista paga com palavras, mas isso não se constitui num diálogo, sob pena de não ser uma análise. A interpretação, por exemplo, afasta a possibilidade do diálogo, quebra a troca bilateral, que nos diálogos, pode ser chamada de opiniões.

Essa quebra do diálogo, essa colocação em ato, da realidade do inconsciente, enquanto sexual, do sujeito, aponta, também para a questão do conceito de real lacaniano. É a partir dele que poderemos chegar ao forçage, como tentativa lacaniana de quebra da infinitude do diálogo, o caráter sem fim das opiniões, que em termos simbólicos, podem nunca ter fim, numa certa circularidade, entre os dois falantes, onde as réplicas são sempre possíveis.

O silêncio é também a mostra do inconsciente enquanto falta. Um esquecimento, um ato-falho são lugares onde a falta se faz presente. Mas, por outro

lado, além de uma forma aguda de resistência, ele pode valer mais do que a palavra, pode representar, enquanto transferência, a apreensão mais aguda da presença do outro.<sup>137</sup>

Se a conhecida regra fundamental da psicanálise consiste em que o analisante diga o que lhe vier à cabeça sem críticas, isso só vem a auxiliar a que não haja diálogo e que o analista só intervenha após o dito do analisante. Assim, suas opiniões próprias ficam fora de questão, localizadas no silêncio que requer do analista pagar algo para ocupar sua função – paga com palavras; suas interpretações, mas também com seu ser, posto que, pela transferência, ele é despossuído dele.<sup>138</sup>

Por outro lado, considerando que o silêncio se estabeleça no analisante, parece mais aparente do que expressão de uma falta de associações mesmo, ou seja, que o barulho interno somente não está expresso. Freud lembra que neste caso, “se as associações de um paciente faltam, a interrupção pode invariavelmente ser removida pela garantia de que ele está sendo dominado por uma associação relacionada ao analista ou a algo a ele vinculado”.<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p.323.

<sup>138</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 7. A Ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p.349.

<sup>139</sup> FREUD, S. “A dinâmica da transferência”. Vol. XII. *Op.Cit.* p.135.

## FORÇAJE

*A arte é feita para perturbar; a ciência tranquiliza.*

Georges Braque

*A arte alcança sempre a finalidade que não tem.*

Otto Maria Carpeaux

É no seio dessa situação transferencial, mediada pela palavra e por períodos de silêncio, nos quais a tentação da procura por sentidos hipnóticos e tranquilizadores se faz sentir, que transcorre uma análise.

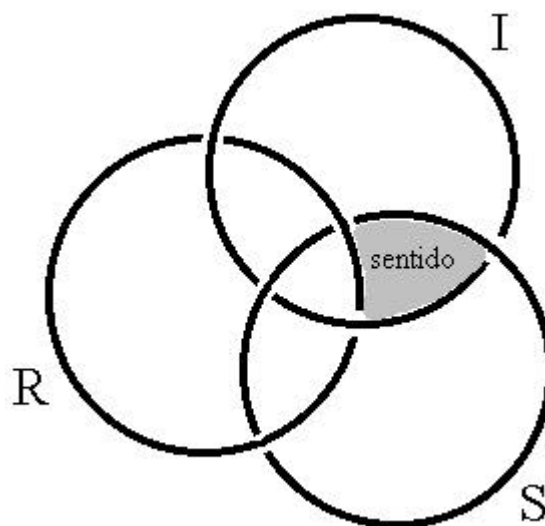
Como já afirmado, Freud buscou sentidos ocultos nos sonhos, nos chistes, nos atos-falhos e nos sintomas. Essa ocultação devia-se a ocorrência de processos de condensação, de abreviação, de deslocamentos e de criação de substitutos, que encobriam e mascaravam os sentidos daquelas formações do inconsciente. Os recursos da técnica dos chistes e da interpretação psicanalítica que tenta resgatar o omitido, desmascarar o invertido e oculto têm o caráter de ocorrência involuntária, de brevidade por condensação, cunho alusivo, de degradação do sublime, de sustentação de disparates e uso de deslocamentos jocosos.

A tônica freudiana foi o deciframento da letra, exemplificado nos sonhos e não a decodificação dos símbolos, em sua infundável demanda de escuta/interpretação.

Na intervenção psicanalítica, o efeito metafórico é simbólico e tem sua importância. Nessa base, por um longo período da história da psicanálise, a interpretação foi o mais importante modo de operar a intervenção psicanalítica e, talvez, o único dispositivo considerado de peso.

Contudo, ainda que continue tendo sua importância – isso é inegável –, segundo Lacan, há que ter também, alguma intervenção capaz de operar ao nível do real. Mas, no real, está forcluído o sentido.

É importante aqui, considerarmos esta questão dos registros da experiência psíquica que, em Lacan, são designados de Real, Simbólico e Imaginário. A partir do seu *Seminário 19, ...ou pire*,<sup>140</sup> Lacan introduz topologicamente a cadeia borromea que entrelaça os registros do real, simbólico e imaginário. Tal cadeia tem como característica, aquela que permite, estando unidos os três anéis, o desamarramento de qualquer um deles implicar na soltura dos outros dois. Escreve o sentido no espaço da intersecção entre o imaginário e o simbólico,<sup>141</sup> de modo que o sentido fica forcluído do real,<sup>142</sup> como exemplificado na figura abaixo:



---

<sup>140</sup> LACAN, J. *Seminário 19. ...ou pire*. Classe del 09/02/1972. Inédito.

<sup>141</sup> LACAN, J. *Seminário 22. R.S.I*. Classe del 14/01/75. Inédito.



Esta forclusão do sentido nos aproxima do que Lacan introduz, no Seminário *L'insu...*, como *chifonnage*<sup>144</sup>, este amarrotamento, do qual Roberto Harari nos indica que consiste em enrugar ou estropear a palavra, em vez de outorgar-lhe sempre algum novo sentido.<sup>145</sup> O que, por conseguinte, distancia-se do clássico saber insabido do inconsciente freudiano, assinalando, por outro lado, a possibilidade de roçar pontas do real, com vistas a um *savoir-y-faire* inventivo.<sup>146</sup>

Justamente a partir desse sem sentido do real que Lacan coloca a questão: “porque se inventaria um significante novo? Um significante, por exemplo, que não teria, como o real, nenhuma espécie de sentido?” Ao que responde, “isso consiste em servir-se de uma palavra para outro uso que aquele para o qual está feita...”<sup>147</sup> É por esse mesmo recurso que o chiste retorce a palavra para obter seu efeito operatório.

Lacan inicia a classe de 19-04-77, no *Seminário 24 L'insu...*, comentando uma metáfora pedestre, ao referir que tudo o que o analista escuta não pode ser tomado ao pé da letra, dado que o pé é o enganche ao solo; metáfora essa, da tendência a alcançar o real, lembrando que o real é “o que é impossível de se alcançar”.<sup>148</sup> Com a poesia, diz ele, “que é efeito de sentido mas também de buraco, não é senão a poesia que permite a interpretação”.<sup>149</sup> E, “um significante novo, sem nenhuma espécie de sentido, isso quiçá seria o que nos abriria ao que (...) eu chamo de real”.<sup>150</sup>

Ainda segundo ele, o discurso sempre tem efeito de sugestão, é hipnótico. “Um discurso é sempre adormecedor, salvo quando não se o

<sup>142</sup> LACAN, J. *Seminário 23. El Sinthoma*. Clase del 16/03/76. Inédito.

<sup>143</sup> LACAN, J. *Seminário 22. R.S.I.* Clase del 10/12/74. Inédito.

<sup>144</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu que sait de l'une bevue s'aile a mourre*. Clase del 16/03/76. Inédito.

<sup>145</sup> HARARI, R. *Las disipaciones do lo inconciente*. Argentina: Amorrortu, 1977. p.119-20.

<sup>146</sup> Outro neologismo lacaniano, já que a expressão francesa lexical é *savoir-faire*, Lacan inclui a letra “y”, que em francês tem forte conotação de lugar, para designar a caracterização do sinthome, no que ele possibilite um ‘saber -fazer-ali-com’ aquilo que, antes dele, determinava o sintoma.

<sup>147</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 17/05/77. Inédito.

<sup>148</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 19/04/77. Inédito.

<sup>149</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 17/05/77. Inédito.

<sup>150</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 17/05/77. Inédito.

compreende – então desperta”<sup>151</sup> (...) “o despertar é o real sob seu aspecto do impossível, que não se escreve senão com força ou pela força – isto é, o que se chama a contra natureza”.<sup>152</sup> E daí acrescenta que “é o *forçage* por onde um psicanalista pode fazer soar outra coisa que o sentido”.<sup>153</sup> Pois, o sentido obstrui e, com a ajuda da “escritura poética vocês podem ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica”.<sup>154</sup>

Desse modo, essa nova modalidade de intervenção, proposta por Lacan, inclui outra característica, diferente da busca do saber insabido do inconsciente freudiano. É nesta nova possibilidade de roçar pontas do Real, com vista a um *savoir-y-faire* inventivo, que surge essa intervenção.

Agora, nesta nova proposição, Lacan não fala mais de ressoar, nem de significante, ou de cadeia de significante, nem de reencontro. A proposta é de fazer ‘soar’ das palavras algo diferente do sentido. É o encontro com algo novo, algo que não esteja contido no código da língua, por exemplo, para lhe conferir um sentido a partir da decodificação. É como uma palavra fora da cadeia significante. Esta intervenção faz violência à linguagem instituída, ou melhor, ao seu aspecto imaginário e também simbólico. Esse encontro é com o Real, com o sem sentido. Poderíamos pensar no *kern unseres wesen* freudiano, o núcleo do ser, que consiste em desejar e, portanto, é nada, vazio, falta, castração. Aqui cabe nos perguntarmos se esse ‘lugar’ freudiano abrigaria algum sentido?

Para termos uma idéia do que implica este termo lacaniano, podemos proceder de acordo com seu conceito a respeito dele mesmo. Assim, comecemos pelo termo em seus respectivos idiomas considerados aqui: francês (original), depois sua tradução para o espanhol e para o português. Em Francês, o termo “*forçage*” é do léxico, de uso na língua e significa “forçamento; ação de forçar; sua resultante; excesso de peso que a moeda possa ter, além do que é de lei”<sup>155</sup>, mas

---

<sup>151</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 19/04/77. Inédito.

<sup>152</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 19/04/77. Inédito.

<sup>153</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 19/04/77. Inédito.

<sup>154</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 19/04/77. Inédito.

<sup>155</sup> GRANDE DICIONÁRIO DOMINGOS DE AZEVEDO. 7ª ed. Portugal: Livraria Bertrand, 1980.

também: “cultura de plantas fora da estação, ou num lugar para o qual elas não foram feitas,<sup>156</sup> ou ainda, “o conjunto de operações que permitem obter flores, frutas ou legumes prematuramente,<sup>157</sup> enquanto no espanhol e no português eles não fazem parte do vocabulário, a não ser que consideremos sua imprópria tradução para “forzamiento” e sua imprópria versão para forçamento, cujos sentidos são comuns e óbvios.

O termo *forçage*, em Lacan, aparece antes do Seminário 24, ã no seminário 01, por exemplo, comentando o texto do “Homem dos Lobos” de Freud, como segue: sobre o que ele era incapaz de dizer, necessitou do *forçamento* de Freud para tornar-se acessível. Tal termo, neste trecho de Lacan, foi traduzido para o espanhol como ‘forzamiento’, mas para a versão portuguesa, da editora Jorge Zahar,<sup>158</sup> encontra-se o termo ‘acosso’, o qual, mais do que o sentido mesmo de forçamento, designa algo da ordem da aflição ou tormento<sup>159</sup>.

Esse uso semântico, como parte da língua, é empregado por Lacan desde seus inícios, contudo, em seu aspecto conceitual, tal vocábulo só aparece no seminário 24. E, nesse sentido, não se pode traduzi-lo, como foi o caso, por exemplo, em espanhol do uso de “forzamiento”. Palavra esta, do léxico espanhol que significa, segundo o dicionário da Real Academia Espanhola<sup>160</sup>: “ação de forçar ou fazer força”.

Se fizermos a tradução para o português, como no espanhol, teremos o termo ‘forçamento’, cujo significado indica: “ato de forçar ou violar”.<sup>161</sup> Embora haja algo de violação implicado na questão, não seria bem este o sentido lacaniano do termo. No *forçage*, trata-se de um significante novo, para o qual não haja decodificação, e não de uma tradução. Pelo contrário, o mestre francês falava de “intradução”. Segundo essa “intradução”, para tentarmos uma versão para o

---

<sup>156</sup> LE PETITI ROBERT-DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE. Paris: Le Robert, 1993.

<sup>157</sup> NOUVEAU PETIT LAROUSSE. DICTIONNAIRE ENCYCLOPÉDIQUE POUR TOUS. Paris: Larousse, 1969.

<sup>158</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p.57.

<sup>159</sup> DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO. Século XXI. Versão 3.0. Novembro de 1999. Verbete ‘acosso’.

<sup>160</sup> DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA DE LA REAL ACADEMIA (Madrid, 1970). Verbete ‘forzamiento’.

<sup>161</sup> DICIONÁRIO AURÉLIO... *Op. Cit.* Verbete ‘forçamento’.

português desse significante novo, de modo a sermos fiéis ao procedimento do forçage, usá-lo-emos nele mesmo, pela via da mostração lacaniana, ou seja, há que ser um neologismo. Não podemos usar as normas de tradução, pois isso seria equivalente a tentar trazer para a língua, algo da “alíngua”.

Numa primeira tentativa, pareceu-me que deixar na forma francesa seria o suficiente. Contudo, a mostração lacaniana requer que se o mostre, ou seja, mostrar o procedimento do ‘forçage’ em sua própria versão para o português.

Outra questão é o respeito à homofonia do termo. É necessário mudarmos seu modo de escrever sem que percamos suas características fonéticas. Assim a adaptação, tentadora mas não psicanalítica, de colocarmos um “m” final, como a exemplo da tradução de ‘garage’ (francês) para garagem (português) também não é possível, pois soaria muito adaptado à língua, muito correto, muito retórico. O procedimento que implica o forçage, requer a ‘intradução’ lacaniana: o que significa ‘transpor de uma língua para outra’, embora mantendo-o fora da língua, posto que faz parte d’alíngua. Seu resultado, muito provavelmente, incomoda os lingüistas e os tradutores já que esse caráter de real não faz parte da lingüística nem da semântica.

Freud nos oferece um formidável exemplo de tradução, através do chiste de modificação, no que ele chama da ‘bem conhecida proclamação *Traduttore – Traditore!*, na qual a similaridade das duas palavras, que quase remonta à identidade, representa de maneira impressionante a necessidade que força o tradutor a cometer crimes contra o original”.<sup>162</sup>

Desse modo, o termo exige que implique em si mesmo um forçage, pois de outro modo caminharíamos para adaptações e domesticações que em nada têm a ver com o real que pretende ser mordido pelo forçage. A proposta, portanto, para o português, seria do termo “forçaje”, com uma letra “j”, que o faz parecer, propositadamente, estranho à língua, não domesticado, nem adaptado e sem correspondência no código.

---

<sup>162</sup> FREUD, S. *Os Chistes...* Op. Cit. p.49.

Na prática psicanalítica, o procedimento consiste em combater tanto a pregnância do sentido como a crença na abertura a todos os sentidos, no dizer de Roberto Harari.<sup>163</sup> O percurso da direção da cura precisa ser capaz de permitir a invenção de significantes novos, através da fonetização da letra (atendendo ao som e ao sentido); a escuta exige considerar a homofonia e a formação, e a quebra da síntese disjuntiva, própria das palavras-valise.<sup>164</sup> “O real é uma idéia limite do que não tem sentido. O sentido é isto pelo que operamos em nossa prática: a interpretação. O real implica na evacuação completa do sentido e, portanto de nós como interpretantes”.<sup>165</sup>

Em seus inícios, a interpretação, em Freud, não era senão a busca de sentidos, aos quais ele se referia como ocultos nos sonhos, nos chistes, nos atos-falhos e nos sintomas, num processo de condensação que leva à abreviação e cria substitutos, todos esses, processos de mesma natureza.<sup>166</sup> Isso indica a pertinência de se usar um chiste na tentativa de uma exemplificação, através da criação de um significante novo, como o “familiarmente”.

Usaremos então, o conhecido chiste de Heine, com o qual Freud inicia seu trabalho sobre os chistes, e até o fim retorna a ele, como fenômeno técnico que especifica o chiste. Freud dá um lugar especial a este chiste, antes mesmo de falar da técnica dos chistes como técnica de linguagem. Trata-se da história da figura do agente de loteria e calista hamburguês, chamado de Hirsch-Hyacinth, que se vangloria de suas relações com o rico Barão de Rothschild, dizendo: “Tão certo como Deus há de me dar tudo o que há de bom, eu estava sentado ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou totalmente como a um igual – muito familiarmente”.<sup>167</sup>

Lacan comenta que a testemunha invocada é Deus, portanto de uma

---

<sup>163</sup> HARARI, R. *La pulsión es turbulenta como el lenguaje*. Barcelona: Serbal, 2001. p.30.

<sup>164</sup> Invenção de Lewis Carroll, estudada por Deleuze, que as descreve como palavras compostas de pedaços de outras, através de uma ligação homofônica entre elas, conformando sem-sentidos, no que chamava de síntese disjuntiva, de modo que seu efeito se dá pelo excesso de sentido conjugado a seu esvaziamento. Cf. DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p.73.

<sup>165</sup> LACAN, J. *Palavras sobre a histeria*. Conferência ditada em Bruxelas, em 26/02/77. Inédito.

<sup>166</sup> FREUD, S. *Os Chistes...* Vol. VIII. *Op. Cit.* p.43.

universalidade incontestada, mas também de conteúdo irônico, pois a afirmação de que ele lhe proverá de todas as coisas boas, é algo que a realidade logo mostra o que tem de falho, além do que a invocação da totalidade mostre a insegurança de que ela esteja realmente formada.<sup>168</sup> Seus comentários continuam, com a pergunta por ser este um ato-falho ou ato bem-sucedido; uma derrapagem ou criação poética? Mas, responde que talvez seja tudo isso junto.<sup>169</sup>

Neste 'chiste' há uma função significante que escapa ao código, "a tudo que até então se acumulou de formações do significante em suas funções de criação de significado".<sup>170</sup>

Há uma afirmação lacaniana a este respeito, referindo o que chama de as "funções essenciais do significante, na medida em que é por elas que o arado do significante sulca, no real, o significado, literalmente o evoca, o faz surgir, maneja-o, engendra-o (...) se trata de falar das funções criadoras que o significante exerce sobre o significado".<sup>171</sup>

As articulações significantes comportam duas dimensões: 1) de combinação, continuidade, concatenação da cadeia; e 2) da substituição. "É por intermédio da metáfora, pelo jogo da substituição de um significante por outro, que se cria a possibilidade (...) de surgimentos de sentido sempre novos (...) para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade."<sup>172</sup> Se a palavra traz um novo sentido "é pela via significante, do equívoco e da homonímia, isto é, pelo caminho do que existe de mais *nonsense*, que a palavra vem gerar essa nuance de sentido."<sup>173</sup>

---

<sup>167</sup> FREUD, S. *Os Chistes...* Vol. VIII. *Op. Cit.* p.29.

<sup>168</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 5. As formações...* *Op. Cit.* p.31.

<sup>169</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 5. As formações...* *Op. Cit.* p.32.

<sup>170</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 5. As formações...* *Op. Cit.* p.32.

<sup>171</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 5. As formações...* *Op. Cit.* p.33.

<sup>172</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 5. As formações...* *Op. Cit.* p.35.

<sup>173</sup> LACAN, J. *O Seminário. Livro 5. As formações...* *Op. Cit.* p.37.

## CONCLUSÃO

*A coisa mais bela que podemos  
experimental é o mistério. Essa  
é a fonte de toda a arte e  
ciências verdadeiras.*

Albert Einstein

Já nos inícios da psicanálise, Freud afirmara que o neurótico sofre de reminiscências. Suas lembranças o atormentam e tal tormento está diretamente ligado ao sentido atribuído a elas. Isso mostra que o caráter simbólico tinha lugar prevalente na teoria freudiana, embora sua obra mostre sinais de avanços nesta direção, ainda que inconclusos.

Lacan, inicialmente, mantém essa prevalência do simbólico, sobretudo com relação ao imaginário. A partir da introdução da topologia, com a cadeia borromea de três anéis, em 1972, o real lacaniano vai tomando outra posição em seu ensino. Assim, o acréscimo do real, por via dessa invenção lacaniana, pretende cortar a corrente infindável de sentidos simbólicos, à qual o neurótico se prende e com isso defrontá-lo com o sem-sentido da vida (talvez aí esteja algo do que soa no termo forçaje, como que pela força, de vez que não há outra escolha). Não obstante, abrem-se aí outras possibilidades, pelo reconhecimento de que os sentidos, diretamente ligados aos seus sofrimentos, são atribuídos, e não essências próprias dos objetos.

Este é um processo que se inicia pela procura mesma de uma análise. Assim, alguém que a procure, o faz porque supõe a existência de um saber que possa auxiliá-lo a mitigar seus sintomas suas angústias e suas inibições. Esse saber, então, é suposto, é atribuído a alguém – no caso, o analista.

O atributo, então, não é do objeto, é o que foi atribuído pelo outro. Desse modo, o agalma que o analisante atribui ao analista é o saber a respeito dele mesmo, relativo ao sexo e à morte. O namoro que se dá na transferência não é gerado pela beleza ou pelos atrativos do analista, mas pelo conteúdo que lhe foi atribuído e, por assim dizer, refere-se ao que o analista tem por dentro – o agalma.<sup>174</sup> Agalma quer dizer ornamento ou adorno, mas antes, conota objeto precioso que, como indicação topológica essencial, importa é o interior, e o que há nesse interior.<sup>175</sup>

Segundo Lacan, o amador é o sujeito do desejo e o amado é o que tem algo (atribuído, não propriedade essencial). O sujeito do desejo deseja outra coisa, coisa esta, que supõe no amado. Isso é uma face da noção de desejo, como desejo de outra coisa. O amado é o objeto e não sabe porque é amado, tem uma condição atribuída. Assim, o amor é uma metáfora, uma substituição, dado que o amador ama, no amado, algo mais do que ele (amado).

Estas questões transferenciais nos indicam, com clareza, o caráter não essencialista da psicanálise, e seria somente desse lugar que poderíamos pensar o forçaje. Além disso, segundo lacan, “há que aceitar as condições do mental, em cujo primeiro traço está a debilidade, a impossibilidade de sustentar um discurso contra o qual não haja objeção”.<sup>176</sup>

Se é pelo forçaje que se pode fazer soar outra coisa que o sentido, é porque o sentido tampona, obstrui o aparecimento de um significante novo. Não é pelo lado da lógica articulada que se pode sentir seu alcance.<sup>177</sup>

---

<sup>174</sup> HARARI, R. “Transferência - Erastés Eromenós”. Seminário ditado em 23/05/1988, promovido pela Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica. Inédito.

<sup>175</sup> LACAN, J. *Seminário 8. A Transferência. Op. Cit.* p.139.

<sup>176</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 19/04/77. Inédito.

<sup>177</sup> LACAN, J. *Seminário 24. L'insu... Op. Cit.* Clase del 19/04/77. Inédito.



O simbólico e o inconsciente são insuficientes, do ponto de vista da clínica psicanalítica, embora próprios e necessários na direção da cura e na construção do sinthome.

O sinthome,<sup>178</sup> conceito também lacaniano, que deu nome ao seu Seminário 23: *Le Sinthome*, é um alvo da análise, não obstante seu caráter de desabonado do inconsciente, isto é, sinthome e simbólico (ou inconsciente) não mantêm uma relação.<sup>179</sup> Lacan escreve tal situação por recurso à topologia, através de dois círculos superpostos e amassados em sua forma, de modo que gerem, entre eles, um falso buraco:



180

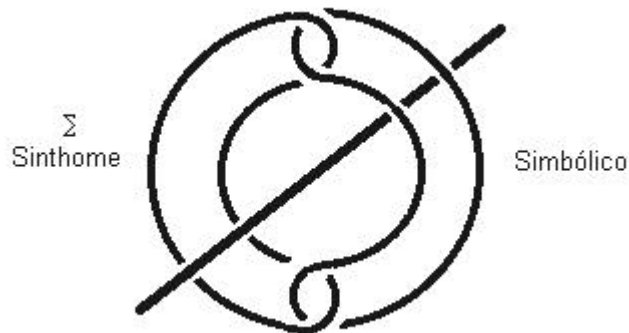
Este falso buraco é assim chamado devido a que ele não pertence nem a um nem ao outro dos anéis. Estes dois anéis, ditos aqui, amassados, formam um vão que não lhes pertence, porque eles não se atravessam; um não passa pelo vão interno do outro; seu entrelaçamento, se é que se pode chamar assim, não é

---

<sup>178</sup> Neologismo lacaniano, que aparece no Seminário 23, para dar conta de um fenômeno psíquico, que desde sua nominação, se aproxima e se distancia do sintoma (*symptôme* em francês). Trata-se da consecução, como efeito da cura analítica, “de um saber-fazer-ali-com aquilo que determinou o sintoma do analisante, portanto aponta a adicionar ou suplementar um núcleo de gozo não parasitário, que resulte assim, irrenunciável. A respeito de seu singular sinthome irreversível, então, não cabe ao falante outra ‘saída’ que sua amorosa identificação com o mesmo. Desse modo, essa identificação será o sustento de um fazer decidido em prol da invenção do que seja, enquanto ‘antídoto’ contra a dor de existir”. Cf. HARARI, R. *La pulsión es turbulenta como el lenguaje* - ensayos de psicoanálisis caótico. Barcelona: Serbal, 2001. p.20 n.

<sup>179</sup> HARARI, R. *La pulsión es...* Op. Cit. p.27.

olímpico. É nesse sentido que o entrelaçamento de uma terceira consistência (anel) que atravesse o falso buraco, se mostrará real e tornará esta, uma cadeia borromea:



181

O falso buraco nos mostra uma disposição de termos, agora não mais ao modo da cadeia significante, e de uma forma que suas consistências têm certa liberdade entre si. A expressão ‘desabonado do inconsciente’ significa não mais tributário do inconsciente e esse passo “dá lugar, por epigênese, ao sinthome (...) pela ação de um corte próprio da pulsão de morte”.<sup>182</sup>

O forçaje é um novo tipo de idéia que não floresce espontaneamente, só pelo fato de que produz sentido, mesmo porque o sentido é da ordem do imaginário.<sup>183</sup>

É nessa exemplificação do real, pelo falso buraco, que é buraco dos dois anéis, mas também que não é de nenhum deles, que se pretende aqui, dar a idéia do real, porque é algo do real que o forçaje pretende alcançar.

Evocar o real é um enorme desafio, que vem sempre junto a sensação de que algo vai faltar, embora esta seja uma tentativa de trazer uma parte fundamental

<sup>180</sup> LACAN, J. *Seminário 23. El Sinthoma*. Clase del 09/12/75. Inédito.

<sup>181</sup> LACAN, J. *Seminário 23. El Sinthoma*. Clase del 09/12/75. Inédito.

<sup>182</sup> HARARI, R. *La pulsión es... Op. Cit.* p.28-9.

do trabalho de Lacan. Inicialmente Lacan introduziu a dimensão de imaginário na psicanálise. Depois introduziu a função simbólica, já presente em toda a obra freudiana, embora não tematizada, segundo Claude Conté.<sup>184</sup> E, por fim, “acabei por lhes perceber esse famoso real, sob a própria forma do nó”.<sup>185</sup>

Pela dificuldade de apreensão desse real, que ele é, mais ou menos, conceituado por diversas noções, como: ‘é o que não cessa de não se inscrever’, ‘é o impossível; é o que não pode não ser’, ‘no real não há lei nem ordem’, ‘no real não há falta’, ‘é algo que voltamos a encontrar sempre no mesmo lugar’, ‘o real é suporte do fantasma’, ‘é o tropeço, o fato de que as coisas não se acomodam de imediato’, ‘é a característica que enuncio de toda *Verwerfung*’<sup>186</sup>, ‘o que é abolido do simbólico retorna do real’, ‘o que faz buraco nessa aparência articulada que é o discurso científico’, ‘é o que se determina pelo fato de que, de nenhuma maneira, pode inscrever-se na relação sexual’, ‘só a escritura suporta, como tal, a esse real’, ‘é o estritamente impensável’, ‘é o que sustenta os três anéis (com referência ao amarramento do Real, simbólico e Imaginário do nó borromeu), ‘é o que ex-siste [exclui] ao sentido’, ‘é o sentido em branco (*le sens en blanc*), o sentido branco (*le sens-blanc*)’. Estas afirmações de Lacan, nos deixam a idéia de que é necessário o que ele chama de mostraçã, para que se possa apreender algo a respeito. Essa mostraçã é, ao mesmo tempo necessidade de fazê-lo, em ato, e uma referência direta a amarraçã borromea, da qual nos usamos para ilustrar. Esse caráter real, se é que se pode dizê-lo assim, é da ordem da topologia, não se trata de um endereço, não é nem mesmo virtual, pois é um lugar cuja localizaçã é impensável, como vemos, no desenho a seguir, o caráter não localizável do falso buraco, representado dessa forma no espaço:

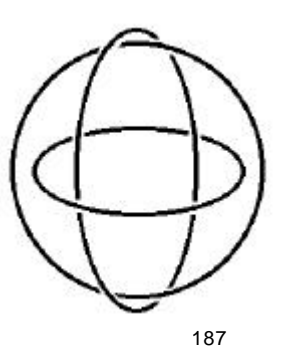
---

<sup>183</sup> LACAN, J. *Seminário 23. El Sinthoma*. Clase del 13/04/76. “O real é sem lei”. Inédito.

<sup>184</sup> CONTE, C. *O Real e o sexual* – de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p.137.

<sup>185</sup> LACAN, J. Seminário de 14 de janeiro de 1975. APUD, CONTÉ, C. *O Real e o sexual* – de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p.138. n.5.

<sup>186</sup> Termo alemão usado por Freud, traduzido para o português como forclusão.



187

Esta é uma representação do nó borromeu de três anéis (consistências), cuja estrutura de amarração é a mesma pela qual uma consistência atravessa o falso buraco. Apenas mudou-se a distribuição no espaço. Mas se a amarração é a mesma, onde está o falso buraco?, parece ter-se expandido! – Esse é o lugar topológico, que dá uma idéia do real impossível, que pretende ser bordeado pela ação do forçaje.

A complexidade e abrangência do tema ‘interpretação’ são extensas e antigas. A nossa ligação com o sentido é igualmente antiga e parece fazer parte da definição mesma do homo sapiens, que rege seu modo de pensamento usual e seu modo de expressar-se, imprimindo a lógica, consistência e coerência ao seu discurso. Isso se configura em mais do que uma objetividade e, talvez seja esse o motivo da complexidade e vastidão do assunto. Soma-se a isso, a delicadeza com que se tem de tratar um tema que pretende quebrar algo, que é comum ser considerado como distintivo em relação aos outros animais, e que tanto orgulho traz ao animal homem. É bem nestes pontos que Lacan traz suas contribuições, usando-se de neologismos como a “humanimalidade”.

Em se tratando da torção, relativa ao sentido, que nos impõe o real, falar do forçaje beira a complexidade pois, diferente da literatura a respeito do sentido, ela é ainda mais fragmentária, inapreensível, não empirizável, além do que é fundamental que não confundamos ‘o tratamento do sem sentido’ com ‘o tratamento sem sentido’.

---

<sup>187</sup> LACAN, J. *Seminário 23. El Sinthoma*. Clase del 09/12/75. Inédito.

Desde Freud, o *insight* ou compreensão interna, daquilo que era supostamente inconsciente, teve lugar de destaque. O importante era trazer à luz o que estava encoberto, inconsciente, descobrir os sentidos ocultos.

Pois bem, nossa tarefa pretendeu percorrer o caminho da interpretação, que não se iniciou na psicanálise, mas sim na literatura antiga, e se tornando matéria de disciplinas específicas, como da filosofia, do direito e da religião (chamada de hermenêutica), depois entrando neste campo mais novo, a psicanálise, e estabelecendo-se nela como um pilar de sustentação da prática analítica.

A idéia que, de certa forma, funda a psicanálise, ‘o inconsciente’, traz a necessidade de tal procura de sentidos ocultos, como dizia Freud, nos sonhos, sintomas, atos falhos, chistes... Mas, mesmo assim, ele mesmo, andou sempre no limite entre a busca de sentidos e esse algo mais, exemplificado no chiste do “famillionariamente”.

É claro que a interpretação simbólica, tem até hoje lugar de destaque como ferramenta da clínica psicanalítica. A invenção lacaniana não anulou a psicanálise freudiana, nem a tornou ultrapassada, como querem alguns que separam a psicanálise freudiana da psicanálise lacaniana, tornando como que duas coisas excludentes. Esta invenção lacaniana foi feita desde a psicanálise, mas a invenção (se é que se pode chamar assim) da psicanálise é obra de Freud. Não poderíamos pensar de outro modo, pois que o próprio Freud deixou claro que pensava a psicanálise incompleta: “só depois de uma investigação mais detida é que somos capazes de formular seus conceitos básicos (...) na psicanálise, um conceito básico convencional dessa espécie é o de ‘pulsão’”.<sup>188</sup> Coisa que parece óbvia, se pensarmos que o conceito de castração faz parte dela, e seu autor não poderia falar de castração e pretender criar uma teoria completa.

Assim a interpretação, ao lado da hermenêutica, tem seu alcance no que se refere ao simbólico e ao imaginário. Não obstante, os registros da experiência

---

<sup>188</sup> FREUD, S. “As pulsões e seus destinos”. Vol. XIV. p.137.

psíquica são três e há que ser incluído o registro do real. E, nossa pergunta inicial é sobre como podemos proceder para que uma intervenção tenha esse alcance? Sabemos que a interpretação é especialmente dirigida ao simbólico. Lacan, já nos seus *Escritos*, comenta que “o termo analisar vem suprir, com excessiva freqüência, a oscilação que paralisa diante do termo interpretar, na impossibilidade de esclarecê-lo”,<sup>189</sup> agravada com “o aspecto informe das teorias da interpretação, em sua raridade cada vez maior na prática...”<sup>190</sup> Essa dificuldade não é sem razão, pois se a ferramenta da psicanálise é a interpretação, não é a ela que devemos dirigir nossos esforços de compreensão, já que “a técnica não pode ser compreendida, nem portanto corretamente aplicada, se se desconhece seus conceitos fundantes”.<sup>191</sup>

Para que o trabalho clínico psicanalítico não fique inconcluso é necessária alguma intervenção que possa alcançar pontas do real e quebrar a cadeia infundável de sentidos simbólicos. O ensino de Lacan nos indica que o forçaje é uma intervenção com este alcance, o que responde a pergunta inicial do porquê Lacan introduz o forçaje.

---

<sup>189</sup> LACAN, J. “Variantes do Tratamento Padrão”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.334.

<sup>190</sup> LACAN, J. “Variantes do...”. *Op. Cit.* p.334

<sup>191</sup> LACAN, J. “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”. In: *Escritos. Op. Cit.* p.247.

# BIBLIOGRAFIA

## BIBLIOGRAFIA GERAL

1. ALVES, R. *Filosofia da ciência*. São Paulo: Loyola, 2000.
2. BARTHES, R. et al. *Análisis estructural del relato*. 6ª ed. México: Premiá, 1988.
3. BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.
4. BIRMAN, J. "A clínica na pesquisa psicanalítica". In: *Psicanálise e universidade*. Atas do 2º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise. PUC-SP, 1992.
5. CONTÉ, C. *O Real e o sexual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
6. DILTHEY, W. *Essência da filosofia*. Lisboa: Presença, 1984.
7. \_\_\_\_\_. *Teoria das concepções do mundo*. Lisboa: Edições 70, 1992.
8. DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
9. DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
10. EIKHENBAUM. *História da Literatura - Formalistas Russos*. Porto Alegre: Globo: 1976.
11. FEINSILBER, E. *Goces y materialidad de lo inconsciente*. Buenos Aires: Catálogos, 1998.
12. FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
13. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
14. FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Vols. IV e V.
15. FREUD, S. "Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico". In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. I.
16. \_\_\_\_\_. "Relatórios sobre meus estudos em Paris e Berlim". *Op. Cit.* Vol. I.
17. \_\_\_\_\_. "A Psicoterapia da histeria". *Op. Cit.* Vol.II.
18. \_\_\_\_\_. *A interpretação dos sonhos*. *Op. Cit.* Vols. IV e V.

19. \_\_\_\_\_. “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. *Op. Cit.* Vol.VII.
20. \_\_\_\_\_. “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. *Op. Cit.* Vol. VIII.
21. \_\_\_\_\_. “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”. *Op. Cit.* Vol. XII.
22. \_\_\_\_\_. “Recordar, repetir e elaborar”. *Op. Cit.* Vol. XII.
23. \_\_\_\_\_. “As pulsões e seus destinos”. *Op. Cit.* Vol. XIV.
24. \_\_\_\_\_. “O inconsciente”. *Op. Cit.* Vol. XIV.
25. \_\_\_\_\_. “A história do movimento psicanalítico”. *Op. Cit.* Vol. XIV.
26. \_\_\_\_\_. “Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise”. *Op. Cit.* Vol. XV.
27. \_\_\_\_\_. “Dois verbetes de enciclopédia”. *Op. Cit.* Vol. XVII.
28. \_\_\_\_\_. “A cabeça de Medusa”. *Op. Cit.* Vol. XVIII.
29. \_\_\_\_\_. “Um estudo Autobiográfico”. *Op. Cit.* Vol. XX.
30. \_\_\_\_\_. “Questão da Análise Leiga: conversações com uma pessoa imparcial”. *Op. Cit.* Vol. XX.
31. \_\_\_\_\_. “O mal-estar na cultura”. *Op. Cit.* Vol. XXI.
32. \_\_\_\_\_. “Construções em análise”. *Op. Cit.* Vol. XXIII.
33. GAARDER, J. *O mundo de Sofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
34. GADAMER, H. G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
35. GARCIA-ROZA, L. A. *Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
36. \_\_\_\_\_. *Freud e o inconsciente*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.
37. GAY, Peter. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
38. GOMES, A. Apresenta textos sobre hermenêutica. Disponível em: <http://www.terraviva.pt/ancora/2254/hermeneut.htm> Acesso em: 30/10/2001.
39. GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido; ensaios semióticos*. Trad. de Ana Cristina César e outros. Petrópolis: Vozes, 1975.
40. HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
41. HARARI, R. *Las disipaciones do lo inconsciente*. Argentina: Amorrortu, 1977.
42. \_\_\_\_\_. *Discorrer a psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1987.
43. \_\_\_\_\_. “Da Carta Enigmática ao Chiste”. In: *Discorrer a Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1987.
44. \_\_\_\_\_. *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais da Lacan*. São



- Paulo: Papyrus, 1990.
- 45.\_\_\_\_\_. *Intensiones freudianas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.
  - 46.\_\_\_\_\_. *¿De qué trata la clínica lacaniana?* Buenos Aires: Catálogos, 1993.
  - 47.\_\_\_\_\_. *Psicoanálisis in-mundo*. Buenos Aires: Kargieman, 1994.
  - 48.\_\_\_\_\_. *¿Cómo se llama James Joyce?* Buenos Aires: Amorrotu, 1995.
  - 49.\_\_\_\_\_. *Polifonías del arte em psicoanálisis*. Barcelona: Serbal: 1998.
  - 50.\_\_\_\_\_. *¿Qué sucede en el acto analítico?* Buenos Aires: Lugar, 2000.
  - 51.\_\_\_\_\_. “A Significação do Falo, de Lacan”. Seminário promovido pela Maiêutica Florianópolis-Instituição Psicanalítica. Florianópolis, 27/07/2001. Inédito.
  - 52.JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
  - 53.JOYCE, J. *Retrato do artista quando jovem*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.
  - 54.JURANVILLE, A. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
  - 55.KRIS, Ernest. *Psicoanálisis y Arte*. Buenos Aires: Paidós, 1955.
  - 56.KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La Connotación*. Buenos Aires: Hachette, 1983.
  - 57.LACAN, J. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
  - 58.\_\_\_\_\_. “Del sujeto por fin cuestionado”. In.: *Escritos*. Argentina: Siglo Veintiuno, 1988.
  - 59.\_\_\_\_\_. “Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
  - 60.\_\_\_\_\_. “Radiofonía”. In: CD-ROM Lacan2000. RD-Ediciones electrónicas. Buenos Aires, 1999.
  - 61.\_\_\_\_\_. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
  - 62.\_\_\_\_\_. *Conferencia en la Universidad de Columbia*. Estados Unidos. 01/12/1975. Inédito.
  - 63.\_\_\_\_\_. *Conferencia en la Universidad de YALE*. Estados Unidos. 24/11/1975. Inédita.
  - 64.\_\_\_\_\_. Palabras sobre la histeria. (Bruxelas) 26 de Febrero de 1977. Inédito.
  - 65.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
  - 66.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
  - 67.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

- 1985.
- 68.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- 69.\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 8: A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- 70.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 9. A identificação*. 1961. Inédito.
- 71.\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- 72.\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 14. La lógica del fantasma*. 1967. Inédito.
- 73.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 15. El acto psicoanalítico*. 1967. Inédito.
- 74.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 19. ...Ou pire*. 1972. Inédito.
- 75.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 20. Mais, ainda*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- 76.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 21. Les non-dupes errent*. 1971. Inédito.
- 77.\_\_\_\_\_. *O seminário. Livro 22. Real, Simbólico e Imaginário*. Inédito.
- 78.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 23. El Sinthoma*. Inédito.
- 79.\_\_\_\_\_. *Seminário. Livro 24. L'insu qui sait de l'une bevue s'aile a mourre*. 1977. Inédito.
- 80.\_\_\_\_\_. *O Seminário. Livro 25. El momento de concluir*. 1977. Inédito.
- 81.LIMA, L. C. *A metamorfose do silêncio*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1974.
- 82.MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.
- 83.MUSETTI, R. A. Apresenta textos sobre hermenêutica. Disponível em: <http://www.direito.adv.br/artigos/Herm.Jur.Ambiental.htm>. Acesso em: 05/11/2001.
- 84.ORLANDI, E. P. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- 85.\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio; no movimento dos sentidos*. Campinas (SP): Unicamp, 1992.
- 86.PASQUALINI, G. "El mito del chiste". In: *Psicoanálisis: Psicopatología <> Ética*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1990.
- 87.PLATÃO. *Diálogos: Mênon – Banquete - Fedro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1960.
- 88.RICOEUR, P. *O Conflito das interpretações: ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- 89.\_\_\_\_\_. *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago,

- 1977.
90. \_\_\_\_\_. *A Metáfora viva*. Porto: Rés, s/d.
91. SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, s/d.
92. SCHLEIERMACHER, F. *Hermenêutica – arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
93. TERRA Networks S.A. Apresenta textos sobre hermenêutica. Disponível em: <http://www.terra.com.br/voltaire/mundo/fundamentalismos2.htm>. Acesso em: 20/10/2001.
94. VALLEJO, A. *Lacan: operadores da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
95. VEINE, P. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 2º ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

## BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

96. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
97. CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
98. DICCIONARIO de la lengua Española de la Real Academia. Madrid: Espasa Calpe, 1995.
99. DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico. Século XXI. Versão 3.0. Lexikon Informática. Novembro de 1999.
100. DICIONÁRIO ESCOLAR Francês-Português, Português-Francês. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961.
101. ECO, H. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
102. GRANDE DICIONÁRIO Domingos de Azevedo. 7ª ed. Portugal: Livraria Bertrand, 1980.
103. LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Ckalouste Gulbenkian, 1667.
104. LE PETITI ROBERT - Dictionnaire de la Langue Française. Paris: Le Robert, 1993.
105. NOUVEAU PETIT LAROUSSE. Dictionnaire Encyclopédique Pour Tous. Paris: Larousse, 1969.
106. PETIT LAROUSSE ILLUSTRÉ. Nouveau Dictionnaire Encyclopédique. Paris: Larousse, 1910.